

## Achegas ao Estudo da Influência da *Arbor Vitae Crucifixae* e da *Apocalypsis Nova* no Século XVI em Portugal.

«...Nostante tutte le meditazione filosofiche, epistemologiche e anche ideologiche e teologiche cui a dato luogo la Storia resta - molto umilmente - una scienza della concretezza: niente è più nemico della generalizzazioni».

F. Cardini, *Minima Medievalia*, Firenze, 1993, 39

Em ocasiões anteriores - *Livros e Leituras de Espiritualidade Franciscanos na Segunda Metade do Século XV em Portugal e Espanha*<sup>1</sup>... e *Profetizar e Conquistar em Portugal dos Fins do Século XV aos Meados do Século XVI*<sup>2</sup> - tentámos sugerir, mais do que materializar, algumas pistas sobre a influência da *Arbor Vitae Crucifixae* de Ubertino da Casale e da *Apocalypsis Nova* na cultura portuguesa dos fins do século XV e ao longo do seguinte. Por influência - velho conceito hoje tido por um tanto ambíguo, mas muito cómodo e ainda passível de uma certa utilização - entendíamos - e entendemos aqui - tanto a constatação da existência desses textos em bibliotecas..., como a sua leitura..., o seu aproveitamento directo ou indirecto - declarado ou não -, mas pelos quais outro texto - ou determinado contexto - se define ou se explica melhor na sua tradição e na sua funcionalidade "actualizadora"... Naturalmente, em essas ocasiões, alguns elementos precisos e documentados ficaram assinalados, nomeadamente a valorização muito positiva da figura de Ubertino por parte de alguma literatura franciscana portuguesa..., a localização de alguns exemplares da *Arbor Vitae* em minúsculas bibliotecas - se pudermos dar tal nome a um pequeno, por vezes pequeníssimo, conjunto de livros - da ainda algo radicalizada observância franciscana da segunda metade de Quatrocentos em Portugal..., a citação de alguns dos seus textos em obras de espiritualidade do século

---

<sup>1</sup> Publicado in *Carthaginensia*, VII (1991), 127-228. Devido a circunstâncias e condicionalismos da revisão de provas - revisão a que fomos totalmente alheios - saiu, naturalmente, plagado de faltas tipográficas, algumas graves. Temos em curso uma segunda edição corrigida dessas e de outras faltas.

<sup>2</sup> Editado in *Revista de História* (C.H.U.P.), XI (1991), 65-93.

XVI..., o aproveitamento dos "seus" esquemas de periodização da história da Salvação - da Igreja - em "estados" e em "idades"..., bem como, para o texto atribuído ao Beato Amadeu da Silva, o conhecimento da biografia desse talvez seu pseudo-autor..., do essencial do conteúdo da obra... e, sobretudo, o manejar de esperanças na final renovação da cristandade baseadas na acção de um *Pastor Angelicus* em contexto que, ao parecer, se explica melhor pelo conhecimento mais ou menos preciso desse texto do que por outras tradições culturais que também as propõem, etc.... Dispersamente, porém, ficaram feitas tais alusões. Por isso, poderá revestir-se de algum interesse retomar aqui, um tanto mais sistematicamente, tais elementos para, analisados com um pouco mais de demora, os precisar um pouco melhor como contributo para uma investigação urgente sobre correntes proféticas e escatológicas - tão silenciosas, à primeira vista, que quase se diriam, mais do que clandestinas, inexistentes - ao longo do séculos XV e XVI em Portugal. Antecipemos que tais correntes, se perpassam, com mais ou menos sinceridade, com maior ou menor oportunismo propagandístico, com mais ou menos notas de angústia ou de humor por (quase?) todos os ambientes e níveis culturais - da corte aos paços episcopais, dos conventos aos leigos (e não só sapateiros: pensemos num Francisco de Olanda) - se filtram e, por vezes, se sintetizam melhor em páginas franciscanas...

Não seria, cremos, necessário recordar que aqui se trata de estudar alguns aspectos da influência de dois textos da espiritualidade franciscana italiana, se bem que um deles atribuído a um português que, pese a alguns estudos recentes, ainda hoje permanece um tanto misterioso... Dois textos de diferentes épocas: a *Arbor Vitae*<sup>3</sup>, segundo declara o próprio autor, teria sido terminada em 1305 e a *Apocalypsis Nova*, na sua desconhecida redacção primitiva, antes de 1482, ano da morte de Fr. Amadeu da Silva, mais vulgarmente conhecido por Beato Amadeu<sup>4</sup>. No entanto, a *Arbor Vitae* que na integralidade dos seus cinco livros sempre teve um circulação em manuscrito muito restrita<sup>5</sup>, é, como se sabe, "descoberta" em 1485, data da

<sup>3</sup> Para além do clássico, mas ainda útil, trabalho de F. CALLAEY, *L'Idéalisme Franciscain Spirituel au XIVème Siècle. Étude sur Ubertain de Casale*, Louvain, 1911, citemos G. L. POTESTÀ, *Storia ed Escatologia in Ubertino da Casale*, Milano, 1980 e, principalmente, Marino DAMIATA, *Pietà e Storia nell'Arbor Vitae di Ubertino da Casale*, Firenze, 1988, assinalando este último, no cap. II, alguns aspectos referentes à elaboração da obra.

<sup>4</sup> Ana MORISI, "*Apocalypsis Nova*". *Ricerche sull'Origine e la Formazione del Testo dello Pseudo-Amadeo*, Roma, 1970.

<sup>5</sup> A difusão manuscrita dos cinco livros da *Arbor Vitae*, tal como os deixou Ubertino, conheceu sempre uma circulação restrita, o que não impediu que os quatro primeiros, limados os seus aspectos mais polémicos, não tivessem corrido e exercido uma enorme influência. F. CALLAEY,

primeira - e única - edição da obra em Veneza... Quase, assim, poderia dizer-se que a *Arbor Vitae* e a *Apocalypsis Nova* são "contemporâneas" na medida em que viriam a difundir-se plenamente pelos mesmos anos...

Tal afirmação, porém, só relevaria de uma ilusão baseada em algumas datas... Com efeito, se a *Arbor* ficou quase desconhecida por cerca de dois séculos, a *Apocalypsis Nova*, se bem que oculta durante algum tempo, mas circulando, talvez, já desde 1502<sup>6</sup>, só foi «aberta» - ou diz-se apenas ter sido «aberta» - nos anos do contexto do concílio de Pisa (1511) e no de Latrão (1512-1516) e em tão estranhas circunstâncias que ainda hoje não é possível saber o que, dessa obra, devido a interpolações que, então, terá sofrido, pertence ao franciscano português<sup>7</sup>... De qualquer modo, os cronologicamente distantes ambientes donde brotaram as duas obras estavam, como se sabe, bem próximos pelas propostas de renovação que perseguiam...

E cremos não seria violento afirmar que a austeríssima reforma franciscana levada a cabo por Amadeu da Silva é, de certo modo, como outras que, com mais ou menos efemeridade, se foram organizando ao longo do século XV, uma consequência ou, talvez, melhor até, um desenvolvimento de algum desse radicalismo que, contra a maior parte da ordem - e em sentido hierárquico também contra a "melhor parte"-, alguns papas, alguns doutores (e não só parisinos), alguns dos grupos que Ubertino apoiou, mantinham sobre a *quaestio* da pobreza (e suas consequências)... E nada estranha, por isso, que a *Arbor Vitae* quando "descoberta" se possa ter revelado, ainda nesses momentos finais de Quatrocentos, um texto - de uma história e de uma espiritualidade - de apoio importante aos que, com algum

---

*L'Influence et la Diffusion de l'Arbor Vitae de Ubertain de Casale in Revue d'Histoire Ecclésiastique*, XVII (1921), 533-546 assinala os pontos mais importantes para França, Espanha e Países Baixos; RUSCONI, *La Tradizione Manoscritta delle Opere degli Spirituali nelle Biblioteche dei Predicatori e dei Conventi dell'Osservanza in Picenum Seraphicum*, XII (1975), 63-137; *A la Recherche des Traces Authentiques de Joachin de Flore dans la France Méridionale in Fin du Monde et Signes des Temps. Visionaires et Prophètes en France Méridionale (Fin XII-Début XVI Siècle)*, Toulouse, 1992, 63-80 (Cahiers de Fanjeaux, 27) estende a investigação a outras zonas.

<sup>6</sup> M. REEVES, *Roma Profetica in La Città dei Segreti. Magia, Astrologia e Cultura Esoterica a Roma (XV-XVIII)*, (Fabio TRONCARELLI, ed.), Milano, 1985, 277-297 (esp.282).

<sup>7</sup> Ana MORISI, "*Apocalypsis Nova*", *Ricerche...*, ed.cit., 27-39; C.VASOLI, *Notizie su Giorgio Benigno Salviati (Juraj Dragisic) in Profecia e Ragione. Studi sulla Cultura del Cinquecento e del Seicento*, Napoli, 1974, 17-127; *Giorgio Benigno Salviati e la Tensione Profetica di Fine '400 in Rinascimento*, Seconda Serie, XXIX (1989), 53-78 e agora in *Tra "Mestri" Umanisti e Teologi. Studi Quattrocenteschi*, Firenze, 1991, 212-247, estudos em que chamou a atenção para a difusão da *Apocalypsis Nova* em tempos de Paulo III.

radicalismo também, se propunham (ou acreditavam...) observar - julgava-se que - "finalmente!" - *simpliciter et sine glosa...*, isto é, à letra, a Regra para, desse modo, cumprir na prática do quotidiano que não apenas (ou sobretudo?) ao amparo de um *corpus* legislativo institucional, a permanente *intentio* - e a firme recomendação final (*praecipio firmiter*) - de Francisco no seu Testamento... Naturalmente, a leitura que o século XVI fez da obra de Ubertino não se esgota nestas propostas dessas reformas - as ditas observantes e outras -, tal como a *Apocalypsis Nova* contribuirá, para além dessas esperanças a que aludimos, para o desenvolvimento e justificação de certas devoções que, como a da Imaculada Conceição, se foram tornando cada vez mais centrais na história da piedade e da teologia católica... De todos os modos, privilegiaremos aqui uma série de dados e de notícias que se polarizam, fundamentalmente, à volta de 1490-91 e, mais especialmente, depois de 1495 e em segundo momento, ainda mais tarde, depois de 1543 - data das primeiras referências que conhecemos à *Apocalypsis Nova* em Portugal - até cerca de 1573... Dois momentos distantes de quase um século que se poderiam, efectivamente, reclamar - e de que muitos, então, na verdade, se reclamaram - desses dois textos muito diferentes, mas propondo, por caminhos muito diferentes também, o mesmo anseio de renovação que, como já insinuámos, deveria conduzir a uma reorganização da vida espiritual e, quase necessariamente, à renovação "espiritual" dos poderes políticos como condição para um império final (e finalmente) verdadeiramente cristão e unidamente *catholicus*... Dois momentos distantes - e seria obrigatório recordá-lo? - muito diferentes quer na Europa quer na Península Ibérica e, conseqüentemente, também em Portugal: nos começos da consolidação da primeira grande fase dos descobrimentos portugueses e das descobertas da descoberta de um Novo Mundo e de um próprio e mais rentável caminho para as maravilhas - tantas vezes trágicas - da Índia -, de uma Índia que, ainda por cima, também já conhecera Cristo - e, depois, em vésperas de um sonhado incremento do protagonismo português na dominação do Norte de África, o que equivaleria, de certo modo, a um regresso aos começos do começo em 1415... E isto partindo, enquanto elemento significativo de um contexto mais vasto, dos anseios de renovação espiritual (identificada, por momentos, também com uma "re-união") que um concílio, durante muito tempo sempre desejado e sempre adiado, havia de promover ou de consagrar e, encerrando na conclusão de que tal renovação espiritual, já definida, com todas as conseqüências, entre 1545 e 1563, havia que a consumir (antes de mais?) com a conversão tanto das

gentes sine lege et sine rege do novo Ocidente como - e, talvez, sobretudo - dos fiéis do Alcorão espalhados por todo o mundo... Neste sentido, à volta de 1573, a sujeição e conversão dos fiéis de Alá nas Índias orientais podia ser concebida como um momento preparador da derrota, sujeição e conversão dos de Marrocos... Até certo ponto, poderá ter sido esta a esperança que, por política ou por apologética, desenvolve e alicerça o primeiro arcebispo de Goa, Gaspar de Leão, ao comentar, em 1572-73, o cap.18 do *Apocalipse* no seu *Desengano de Perdidos* (Gôa, 1573). A vitória de Lepanto que o animou a tais comentários e a tais esperanças, bem poderia tê-la imaginado como um antecedente de um Alcácer-Quibir que não viria a existir e ambas as batalhas surgirem-lhe como etapas evidentes de um *seculus futurus* de que a sujeição e conversão do turco, desde há muito, por proselitismo religioso e/ou político, profetizada<sup>8</sup>, era, precisamente, e, muitas vezes, simultaneamente, um sinal e um momento... Tudo isto que pretende ajudar a sugerir o complexo contexto político e espiritual em que alguns leitores dessas duas obras deverão ser inscritos, também deveria fazer recordar quanto fica por investigar entre esses dois momentos que elegemos por limites da nossa exposição. Até certo ponto, textos como a *Exortação à Cruzada* de Duarte Galvão e as *Trovas* ditas de Bandarra, datáveis estas, pelo que é possível deduzir do seu compósito texto e da sua história, de, pelo menos, cerca de 1530-1541, poderiam contribuir para ajudar, cada qual a seu modo, a colmatar tais lacunas... No entanto, como é bem sabido, desse célebre texto do embaixador de Manuel I ao Preste João não possuímos hoje senão notícias indirectas e algum extracto publicado por João de Barros e, do segundo, a mais célebre profecia política do século XVI português, não conhecemos o original, pois, como será pacífico, a primeira lição conhecida do texto dessas *Trovas* foi a publicada e comentada em Paris em 1602-1603 numa confessada (con) fusão de cópias, disposição e correcção destinadas a

<sup>8</sup> Jean DENY, *Les Pseudo-Prophéties concernant les Turcs au XVIème Siècle* in *Revue des Études Islamiques*, XI (1936), 201-220; Kenneth M. SETTON, *Western Hostility to Islam and Prophecies of Turkish Doom*, Philadelphia, 1992, desenvolvendo em alguns aspectos o trabalho citado de J. Deny, estudou, entre outros pontos, *Early Legendes and Propheties e Christian Hopes for the Undoing of Islam*, aí citando a célebre carta da Imperatriz Helena da Etiópia a Manuel I de Portugal em que se refere que «este he ho tempo, segundo dizem, em que dixeu Iesu Christo a sancta Maria sua Madre que no derradeiro tempo se alevantaria hum rei da parte dos Frangues e que esse daria fim ahos Mouros e este he o mesmo tempo em que Christo ho prometeo a sua madre»... in Damião de GOIS, *Crónica do Felicissimo Rei D.Manuel*, (Nova Ed. dirigida por J. M. Teixeira de Carvalho), Coimbra, 1926, III, 197. (Para algumas pequenas variantes deste texto pode ver-se a ed. publicada por Luis F. BARRETO in *Por Mar e Terra. Viagens de Bartolomeu Dias e Pero da Covilhã*, Lisboa, 1988, 46).

ilustrar o universal destino que, providencialmente, estava destinado a um rei de Portugal identificado com D. Sebastião finalmente reaparecido e, então, prisioneiro nas galés de Espanha. Por outro lado, aqui, por razões de delimitação cronológica e de ordem metodológica, apenas nos interessa analisar a influência - meios e modos - que a *Arbor Vitae* e a *Apocalypsis Nova* poderão ter exercido nos anseios de reforma e de renovação - o que, em algum momento, terá conlevado uma certa apologética - nos fins do século XV e na segunda metade do século seguinte.

Em linhas gerais, a influência de Ubertino na cultura portuguesa dessas épocas, particularmente nos domínios que dizem respeito às correntes de espiritualidade que a atravessam, poderia expor-se de acordo com o esquema organizador da *Arbor Vitae*: uma larguíssima meditação nos mistérios de Cristo durante os quatro primeiros livros e no quinto - e último - «aliquantulum apparet Apocalypsis intelligentia litere...», isto é, um comentário literal do texto joanino que lhe permitirá «diversis modis vilia huius temporis prolixius repetantur...», já que «in his diebus malis submersa fuerit veritas ecclesiae et adulterata veritas Christi vitae...». Tal esquema, como bem se sabe, articula-se sobre um eixo que lhe garante a sua coesão interior: a meditação na vida de Francisco de Assis como *alter Christus*..., meditação que pretendia ainda mostrar como e quanto «paupertas Christi vitae et eius pauper usus versutis machinationibus multipliciter dissipatur...»<sup>9</sup>. Tal meditação na vida de Cristo-Francisco que é também um acusação e uma esperança, estabelece-se, como se terá percebido, numa espécie de concordismo que, em alta saturação, culminará no *De Conformitate* de Bartolomeu de Pisa, permitindo-lhe, tirando todas as consequências do texto de S. João aplicado a Francisco-*alter Christus*<sup>10</sup>, apresentar uma visão sobre o futuro da ordem franciscana regressada ao cumprimento literal da regra «evangélica» do seu Fundador esclarecida pelo seu Testamento. Deste modo, vem naturalmente estabelecido o papel que na economia dos últimos tempos desempenharão Francisco e os que mantiveram perfeita fidelidade evangélica... Não temos porque lembrar que, para o desenvolvimento da sua obra, especialmente da segunda parte, Ubertino se socorreu abundantemente dos escritos do que foi seu mestre e

<sup>9</sup> Ubertino da CASALE, *Arbor Vitae Crucifixae*, Veneza, 1485, Prologus Primus Libri Primi, s. pag. (cit. pela reimpressão anastática - que utilizaremos em todas as nossas referências - dirigida por Charles T. DAVIS, Torino, 1961, 6, segundo a paginação própria).

<sup>10</sup> Stanislao da CAMPAGOLA, *L'Angelo del Sesto Sigilo e l'alter Christus*, Roma, 1971; Jacques PAUL, *Les Spirituels entre Sainteté et l'Hérésie* in *Gli Studi Francescani dal doppo Guerra ad Oggi* (Francesco Santi, ed.), Spoleto, 1993, 173-212 (esp. 199-202).

companheiro, P. de G. Olivi...<sup>11</sup> Naturalmente, algumas das suas fontes serão igualmente, através das páginas da *Arbor*, as fontes de alguns autores dos séculos XV e XVI ibéricos - Olivi, por exemplo, assim parece ter sido aqui conhecido - e, concomitantemente, com a garantia da *Arbor*, verão a sua influência acrescida aquando de edições próprias - autónomas ou em antologia - algumas dessas fontes, como, por exemplo, um S. Boaventura...<sup>12</sup>, uma Ângela de Foligno...<sup>13</sup>, esta editada e difundida com o apoio de Francisco de Cisneros...<sup>14</sup> De todos os modos, à parte deste jogo de influências que convém não esquecer devido às profundas implicações culturais que determinou, a influência da *Arbor Vitae* parece ter-se particularmente feito sentir, como será fácil de admitir depois do que fica exposto, nos caminhos da renovação quer da ordem franciscana quer nos modos da contemplação da vida de Cristo, especialmente da sua paixão<sup>15</sup>, quer ainda na consagração definitiva de alguns ritmos da oração mental que a *Devotio Moderna*, herdeira de tantos temas franciscanos e, apesar da oposição de um J. Gerson<sup>16</sup>, leitora atenta da *Arbor Vitae*<sup>17</sup>, ajudará a

<sup>11</sup> R. MANSELLI, *Pietro di Giovanni Olivi e Ubertino da Casale in Studi Medievali*, XLIII (1965), 95-112; G. L. POTESTÀ, *Storia ed Escatologia...* e M. DAMIATA, *Pietà e Storia...* já citados abordaram abundantemente estes aspectos e o seu significado.

<sup>12</sup> G. L. POTESTÀ, *S. Bonaventura nell'Arbor Vitae Crucifixae di Ubertino da Casale in Miscellanea Francescana*, LXXV (1975), 187-196 assinala o *De Quinque Festivitatibus Pueri Iesu* e o *Officium de Passione Domini* entre as principais fontes de Ubertino, apontando ainda quanto o casalense segue o *Brevilloquium*, como utiliza o *Lignum Vitae* e quanto copia alguns capítulos da *Apologia Pauperum*.

<sup>13</sup> Para além do estudo de Francesco SARRI, *Pier de Giovanni Olivi e Ubertino da Casale. Maestri di Teologia a Firenze (sec.XIII)* in *Studi Francescani*, XXII (1925), 90-125 em que aponta «l'intima relazione che passa fra l'*Arbor Vitae* e il *Liber Consolationum*», G. d'URSO, *La Beata Angela e Ubertino da Casale in Vita e Spiritualità nella Beata Angela da Foligno* (ed. P. Clement Schmitt, O.F.M.). Perugia, 1987, 155-170, ocupou-se, precisamente, do assunto que, naturalmente, está presente ao longo de outras páginas dessas *Atti del Convegno di Studi per il VII Centenario della Conversione della Beata Angela da Foligno, 1285-1985*.

<sup>14</sup> P. SAINZ RODRÍGUEZ, *La Siembra Mística del Cardenal Cisneros y las Reformas en la Iglesia*, Madrid, 1979, 96, 100 (*Avance Bibliográfico de las Publicaciones Cisnerianas*).

<sup>15</sup> O anónimo *Fasciculus Myrrhae* (Sevilla, 1517), texto fundamental na história da meditação na Paixão de Cristo na Península Ibérica, é, em larga medida, devedor da *Arbor Vitae* como já assinalou M. MARTINS, *Da Literatura da Paixão in Brotéria*, LXIV (1957), 499-508

<sup>16</sup> H. de LUBAC, *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore*, Paris-Namur, 1979 (I), 162-164.

<sup>17</sup> R. VILLOSLADA, *Rasgos Característicos de la "Devotio Moderna"* in *Manresa*, XXVIII (1956), 315-356 assinalou essa influência, apontando a *Arbor* como uma das obras recomendadas por Mombaer na sua *Tabula Librorum Praecipue Legendorum*, o que, aliás, já tinha sido salientado por P. DEBOGNIE in *Dictionnaire de Spiritualité*, III, 742; A. M. ALBAREDA, *L'Orazione Metodica a Monserrato* in *A.H.S.I.*, XXV (49), chamou a atenção para o interesse que a obra de Ubertino despertou em Garcia de Cisneros; Idefonso TASSI, *Ludovico Barbo (1381-1443)* Roma, 1952, 104-116 oferece considerações importantes sobre o assunto. Apesar de tudo,

difundir e a aperfeiçoar... Consequentemente, algumas devoções em que os fins do século XV ou o século XVI se empenharam ou começaram a aprofundar - Nome de Jesus..., Precioso Sangue..., Coração de Jesus... - parecem tê-las descoberto ou visto confirmadas, mesmo que nem sempre directamente, nas páginas de Ubertino<sup>18</sup>...

Tentemos, então, precisar um pouco mais. Pedro Sainz Rodríguez, o inesquecível mestre dos estudos da história da espiritualidade ibérica, partindo do facto de a *Arbor* ter sido mandada traduzir, ao que se crê, por Isabel, a Católica - pelo menos o tradutor dedicou-lhe o seu trabalho - suspeitou, com alguma razão, que em Espanha a sua influência deveria ter sido grande<sup>19</sup>. Escapou-lhe, porém, a ele que cita a obra ainda hoje fundamental de Pou y Martí sobre o franciscanismo visionário e profético catalão, que, a partir de um exemplar emprestado por Benedito XIII, já tinha conhecido, em Aragão, entre 1404 e 1406, as honras da tradução e do florilégio por Fr. Juan Eiximeno sob o impulso de Martín<sup>20</sup>... Apesar de tudo, curiosamente, tanto quanto sabemos, dessa influência em Espanha continua apenas a suspeitar-se, pois a sugestão de Sainz Rodríguez parece não ter sido ainda aprofundada<sup>21</sup>. Curiosamente também, parece estamos hoje mais bem preparados para suspeitar da extensão dessa influência em

---

cremos haver algum exagero em considerar, como faz R. MORGHEN, *Francescanesimo e Rinascimento in Iacopone e il suo Tempo*, Todi, 1959, 19, Ubertino «il precursore di Tommaso da Kempis, come maestro di vita spirituale dei nuovi tempi». A. G. WEILLER, *Il Significato della «Devotio Moderna» per la Cultura Europea in Cristianesimo nella Storia*, XV, 1 (1994), 51-69, passando em revista e discutindo a mais recente bibliografia sobre a *Devotio Moderna*, pondera as coincidências e relações do movimento neerlandês com a espiritualidade franciscana, entre outras (esp.60-61).

<sup>18</sup> Para uma visão geral da temática devota Irenée NOUYE in *Dictionnaire de Spiritualité*, IV (1), 660 apresenta ainda um elenco suficiente; G. COLASENTINI, *Il S. S. Cuori di Gesù e di Maria nell' "Arbor Vitae" (1305) di Ubertino da Casale, O.Min.* in *Miscellanea Francescana*, LIX (1960), 30-69; acrescentemos a meditação e a devoção às «dores mentais» de Cristo - influência de Ângela de Foligno como o foi em Santa Catarina de Bolonha? (Conf. Massimo PETROCHI, *Storia della Spiritualità Italiana*, Roma, 1984, 27 - de grande fortuna depois do *Tratatello* que Hugo Panziera dedicou ao tema, como se pode verificar na *Segunda Parte da Cronica da Ordem dos Frades Menores* (1562), VII, 23 de Fr. Marcos de Lisboa em que se publicam as páginas de H. de Panziera.

<sup>19</sup> Pedro SAINZ RODRIGUEZ, *Espiritualidad Española*, Madrid, 1961, 85

<sup>20</sup> José M. POU Y MARTÍ, *Visionarios, Beguinos y Fraticelos Catalanes (Siglos XIII-XV)*, Vich, 1930, 32, 443-445 (cit. pela reimpressão anastática de Madrid, 1991); M. AURELLI, *Eschatologie, Spiritualité et Politique dans la Confédération Catalane-Aragonaise (1282-1412) in Fin du Monde et Signes des Temps...*, ed. cit., 191-235 (esp.209).

<sup>21</sup> Manuel de CASTRO, *Manuscritos Franciscanos de la Biblioteca Nacional de Madrid*, Madrid, 1973, assinala (nº453, nº653) dois exemplares da obra de Ubertino, ambos do século XV, mas apenas um (nº653) contém os cinco livros, já que o outro apenas guarda o primeiro livro.



Portugal. Naturalmente, como já insinuámos, a influência de Ubertino deverá ter-se feito sentir, antes de mais, em textos e ambientes franciscanos. Mas, como se compreenderá igualmente, tal influência, para os fins do Quatrocentos e durante a primeira metade do século seguinte, é muito difícil de materializar em textos de tal proveniência. Além do seu reduzido número, percebe-se que, em princípio, a tradição franciscana mais poderosa e activa, a que, por comodidade, poderemos continuar a chamar conventual, não estaria interessada em difundir uma obra que, retomando teses radicais e, logo, polémicas sobre a pobreza e o *usus pauper*, isto é, um uso restrito dos bens como parte integrante do voto de pobreza franciscano<sup>22</sup> - teses que, a partir de 1270-1279 e, sobretudo, de 1318 se revelaram de trágicas consequências -, sobre a licitude e limites dos estudos..., sobre a sumptuosidade das casas..., etc., era uma violenta acusação aos «desvios» que à observância da Regra tal grupo, longe de ser tão homogéneo como habitualmente se pensa ou certa historiografia antiga faz crer<sup>23</sup>, ia favorecendo desde, de acordo com os seus opositores - «espirituais», zelantes, reformados, observantes - quase desde os dias do Fundador... A circulação restrita da *Arbor Vitae* em manuscrito não facilitava, por outro lado, o seu aproveitamento por alguns desses grupos que com mais ou menos radicalismo se opunham à conventualidade. De qualquer modo, alguns manuscritos ainda hoje conservados, se bem que de proveniência incerta, e

<sup>22</sup> Dentro de uma vastíssima bibliografia, permitimo-nos salientar os títulos mais recentes sobre tal questão: David BURR, *Petrus Joannis Olivi, De Usu Pauper. The "Quaestio" and the "Tractatus"*, Firenze, 1992; Olivi e la Povertà Franciscana. *Le Origini della Controversia sull' "Usus Pauper"*, Milano, 1992; Andrea TABARRONI, *Paupertas Christi et Apostolorum. L'Ideale Franciscano in Discussione (1322-1324)*, Roma, 1990; AA.VV., *La Conversione alla Povertà nell'Italia dei Secoli XII-XIV*, Spoleto, 1991.

<sup>23</sup> Independentemente das suas fontes, a historiografia franciscana (e não só) peninsular dos séculos XVI e XVII - Marcos de Lisboa..., Manuel da Esperança - Fernando da Soledade..., S.Cornejo... - oferece uma visão observante da evolução e, quando é o caso, do "estado" seu contemporâneo, da ordem franciscana. Assim, a oposição observância/conventualidade rege, com todas as suas consequências, a exposição. No entanto, mesmo descontando os "exemplos" que, por antigos, não se reclamam da observância - dos seus antecedentes ou dos seus precursores - os cronistas, por vezes, acabam por reconhecer quanto o espírito observante encontrou apoio entre a conventualidade, como é caso da «muyta benevolencia» que os primeiros fundadores da província observante portuguesa da Piedade conheceram, pelos fins do século século XV e começos do século seguinte, junto do provincial dos conventuais, Fr. João de Chaves: não só os «recebeo com caridade de pae», mas também «logo lhes assinou tres conventos... em que elles principiarão a sua» província (Fr. Manuel da ESPERANÇA, *Historia Serafica*, I (Lisboa, 16), 1, 53, 171. Conf. a biografia de Fr. João de Chaves que foi D. Prior do Mosteiro da Costa de Cónegos Regrantes e fugaz bispo de Viseu (1524-1525) em FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* (Nova Ed. sob a direcção de Damião Peres), Porto, 1968, II, 661.

as notícias que sobre um outro agora ilocalizáveis, poderão ajudar a confirmar os dados que possuímos sobre a sua presença em alguma bibliotecas franciscanas antes de 1485<sup>24</sup>... No entanto, será à medida que as reformas franciscanas, juridicamente dependentes ou não da observância, se vão consolidando que, muito naturalmente, a sua presença pode ser garantida... Para Portugal, possuímos hoje uma preciosa série de sete inventários de minúsculas bibliotecas de alguns oratórios franciscanos que estiveram na base da reforma observante no norte de Portugal e que podem muito bem passar por um índice, em nosso entender, por ora, insuperável, dos modos e datas da presença da *Arbor Vitae* escalonados entre 1452 e 1491, tais inventários de que os principais, dizendo respeito ao pequeníssimo oratório da Ínsua e ao não maior de S. Clemente das Penhas, foram compilados pelo célebre Fr. João da Póvoa, podem ser completados por uma outra série de notícias dispersas provenientes de crónicas da Ordem e de outra documentação. Por outro lado, já foi igualmente possível reunir alguns dados sobre outras pequenas bibliotecas observantes desse mesmo período em Alenquer, Tentúgal e Xabregas. Ignoramos, por não termos podido, até hoje, reconstituir a sua história, se o precioso códice da Biblioteca Nacional de Lisboa que contem a obra de Ubertino terá pertencido a qualquer casa franciscana destes dias - o provável não é uma certeza -, mas sabemos que em Setembro de 1492, talvez trazido por um Fr. Fernando de Portugal, um dos três franciscanos que, com salvo-conduto de 3-III-1488 do doge veneziano Agostino Barbelico, tinham passado à Terra Santa, um exemplar da edição de 1485, comprado em Veneza e ainda hoje conservado na Biblioteca Nacional de Lisboa (Inc.722), já dera entrada na casa da Ínsua onde foi encadernado e, talvez, discretamente iluminado. Nesse mesmo ano de 1488, recebeu a obra, por oferta de Luis de Medina, um seu amigo sevilhano, Fr. João da Póvoa que, como se atesta no próprio exemplar ainda hoje igualmente guardado na Biblioteca Nacional de Lisboa (Inc.725), a usou até 1491, ano em que a ofereceu à casa de Santa Cristina de Tentúgal donde era professo. E, pelas mesmas datas, terá entrado outro exemplar em Alenquer (B.N.L., Inc.723). Pertencerá a estes anos o que possuía S. Francisco de Xabregas? É possível que o exemplar que lhe pertenceu, mas cujo pertence não está datado, possa remontar a estes anos. Deve, porém, notar-se que a existência de exemplares nas casas de Alenquer e Xabregas

<sup>24</sup> Abordámos esta questão do rastreio dos exemplares da *Arbor Vitae* em bibliotecas portuguesas dos séculos XV e XVI no trabalho já cit. *Livros e Leituras Franciscanos...* ed.cit., 166-167. ed. cit., 166-167

poderia ser considerada normal, em virtude da sua importância, já que, por esses dias, eram centros de estudos que os observantes portugueses, já então, como a Observância em geral, a eles mais abertos, ia mantendo, mas a sua presença em minúsculos oratórios de 5/6 frades, como os da Ínsua ou de Tentúgal, sugere que em relação à obra de Ubertino essa "normalidade" era extensa e que a partir de, pelo menos, 1488, por compra ou por oferta, as casas observantes portuguesas - então assim fundadas ou nesse sentido reformadas - fizeram questão em possuir - e devemos crer em ler - a *Arbor Vitae Crucifixae*... Fr. João da Póvoa que, como se sabe, foi, de certo modo, o último confessor de João II, "usou-a", isto é, leu-a, e difundiu-a, não só porque «teve notável cuidado de prover as livrarias em razão da utilidade delas...», mas também, como «tinha boa pena», porque «escrevia alguns», afirmação de cronista que muitos dos livros registados nos inventários das casas por onde foi vivendo ou visitando como provincial por longos anos plenamente confirmam... Independentemente de, para estas datas, se poderem localizar outros exemplares em grandes bibliotecas, como a capitular de Braga<sup>25</sup>, será de algum interesse como confirmação dessa difusão saber que, por estes mesmos dias, no convento de Jesus de Aveiro, existia outro exemplar, ainda actualmente conservado na Biblioteca Pública Municipal do Porto (Inc.234). Pertença da princesa Joana de Portugal que aí residia, por sua morte (1491) passou, como se declara em nota manuscrita aposta ao livro à posse do convento<sup>26</sup>.... A documentação destas existências e as notícias que sugerem a circulação da *Arbor* revestem-se, cremos, de muita importância, pois são, para estes tempos, o único meio de que, por agora, dispomos para garantir o apreço que a obra de Ubertino obteve junto de pequenos grupos de observantes, já que, exceptuando algum texto polémico ou normativo, tais grupos, durante o século XV, não parecem ter deixado qualquer produção "literária" em que a sua leitura possa ser rastreada e interpretada. De todos os modos, que Fr. João da Póvoa tenha oferecido a sua obra a algumas das casas mais austeras da pristina observância portuguesa - Santa Cristina de Tentúgal onde professou e Santa Maria da Ínsua onde, sempre que lho permitiam os seus trabalhos de vigário dos observantes, se recolhia - fala bem do apreço em que tinha e seria tida a obra... Como a terão lido? Antes de tentar qualquer sugestão de resposta,

<sup>25</sup> Avelino de Jesus da COSTA, *A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos Séculos XV a XVIII*, Braga, 1984, 84.

<sup>26</sup> Na Biblioteca Pública Municipal do Porto conserva-se o exemplar (Inc.234) que pertenceu, segundo se declara em nota aposta após o colofón, à infanta Joana de Portugal que entre 1472 e 1490 residiu no convento de Jesus de Aveiro.

será de certo interesse anotar que, tanto quanto é legítimo interpretar referências incompletas, nas reformas franciscanas castelhanas a *Arbor* parece ter igualmente gozado de um certo prestígio proporcional ao que alguns dos indícios já referidos permitem suspeitar. O austero Fr. Lope de Salazar y Salinas, o continuador e intrépido defensor da reforma de Pedro de Villacreces, parece citá-lo e recomendá-lo<sup>27</sup>. Curiosamente, porém, hoje por hoje, o estado da investigação sobre as bibliotecas franciscanas reformadas ou observantes de Castela não permite ir mais além... Como se terá já compreendido, só possuímos referências precisas sobre a circulação em Portugal - e talvez mesmo em Espanha - para depois de 1485, ano da edição veneziana. Poderemos, contudo, por uma questão metodológica, perguntarmo-nos se, independentemente de uma possível circulação manuscrita autónoma da obra, algumas páginas - e quais? - da *Arbor* terão passado a alguma compilação de fontes franciscanas peninsular, como, por exemplo, a chamada *Compilação de Barcelona* (se preferirmos, as *Compilações de Barcelona* ou o *Floreto de S. Francisco*)<sup>28</sup>... Pensamos que haverá que responder negativamente. E, no entanto, talvez valha a pena recordar como essas compilações, nomeadamente o *Floreto*, poderão ter ajudado a preparar a descoberta e depois a promover o interesse pela obra de Ubertino e, enfim, a confirmá-la... O *Floreto de S. Francisco* faz parte do contexto mais imediato da difusão da *Arbor*..., pois não só circula em manuscrito antes de 1452 nas casas observantes portuguesas<sup>29</sup> - e, para sermos mais precisos, em algumas das que sabemos que virão a possuir a

<sup>27</sup> Dizemos parece, porque a recomendação que da obra faz Fr. Lope de Salazar y Salinas no *Memoriale Religionis*, cap.XIV (Conf. *Escritos Villacreceanos in Las Reformas en los Siglos XIV y XV in A.I.A.*, XVII (1957), 713), pode, como assinalam os editores do texto prestar-se a alguma confusão.

<sup>28</sup> A importância da *Compilações de Barcelona* ficou demonstrada com a publicação do seu texto por Jacques CAMEL, *Glanes Franciscaines. La Première Compilation de Barcelone e Glanes Franciscaines. La Seconde Compilation de Barcelone in A.I.A.*, XXIII (1963), 65-91, 391-453; XXV (19 65), 223-298. Quanto ao *Floreto* o seu interesse foi assinalado antes de mais por A. QUAGLIA, "El Floreto": *Fonte Storica Sconosciuta di Marco da Lisbona e del Wadding in Studi Francescani*, LIV, (1957), 40-49, ainda que A. IVARS tivesse chamado a atenção para a obra em *Una Versión Castellana de la "leyenda de S. Francisco" y la Crónica de los XXIV Ministros Generales in A.I.A.*, XVIII (1922), 252-266 (261n<sup>o</sup>3); S.CLASEN, *El Floreto de Sant Francisco, Collectionis Hispanicae de S. Francisco eiusque Sociis Notitiarum Analysis in Collectanea Franciscana*, XXXV, (1965), 249-286; em 1988, a Comissão Executiva do "Congresso Intert. sobre Bartolomeu Dias e a sua Época" fez editar uma reimpressão anastática do Incunábulo sevilhano (Porto, 1988).

<sup>29</sup> Efectivamente o eremitério de S. Clemente das Penhas (Matozinhos) possuía, segundo o *Inventário* de Fr. Francisco de Arruda em 1452, «dhum florete de San Francisco em boa letera» (cf. José Adriano de Freitas CARVALHO, *Livros e Leituras Franciscanas...*, ed.cit., 208).

*Arbor* -, mas também, depois de impresso em Sevilha em 1492, o podemos documentar a continuar a acompanhar a difusão da *Arbor*... Esta última compilação, o *Floreto*, é uma compilação ibérica de origens ainda um tanto misteriosas, pois se sabemos que circulou manuscrito em catalão, em castelhano e, depois, em português, ainda não se pôde determinar onde foi organizada, se é que o foi em um só lugar e de uma só vez... Contém integralmente, o que a torna extremamente relevante para o estudo das fontes franciscanas o *Anonimus Perusinus* e, também em texto completo, o *Speculum Perfectionis*..., a que se juntaram, num esforço de complementariedade e de "conforto" de alguns pontos de vista dessas duas obras, outros textos extractados do *Actus Beati Francisci*..., da *Chronica XXIV Generalium*..., dificuldade de encontrar antigas biografias de Francisco anteriores a 1266, isto é, ao ano em que foi ordenada pelo capítulo de Paris a sua destruição e substituição pela *Legenda Mayor* - texto significativamente com mínima representação no *Floreto* e, mesmo assim, talvez, nem sempre directa - indicia, imediatamente, a visão que de S. Francisco e da sua ordem parece prevalecer nessa compilação peninsular... A valorização da extrema pobreza e, quase consequentemente, do polémico conceito do *usus pauper*..., o desprezo dos estudos e, logo, dos livros de *scientia* que não de *sapientia*..., a frequente preocupação que se diz remontar ao próprio Fundador pelo futuro da ordem... e o anúncio das tribulações que os fiéis ao seu espírito deverão suportar em ordem à *renovatio* final..., etc..., são alguns dos temas que, entre outros, confluíam, uma vez mais, na dramática questão da pobreza evangélica enquanto fundamento da definição que os Menores se propunham e propunham da sua própria existência como restauradores da *societas Christi*... É evidente quer pela escolha dos textos que, com algum radicalismo, acentuam essa visão franciscana quer pelos *exempla notabilia* que, através dos discípulos do *Poverello* e dos discípulos desses discípulos, a ilustram, iluminando-lhes os traços para melhor a fixar, que o *Floreto* se insere plenamente nessa tradição e a ajudou a florescer nas reformas e observâncias do século XV peninsular... E, desde este ponto de vista, cremos ser de assinalar que também nessa compilação ibérica se acolhem algumas profecias sobre o porvir da ordem franciscana recebidas, as mais importantes, da *Expositio Regulae* por Ângelo Clareno<sup>30</sup>,

30 Referimo-nos antes de mais ao cap.XIII: «Que fábla de una profecia de Joaquin abad de la orden de los predicadores y de los menores; cap. LXXVI: «Como Sant Francisco profetizó que los que en el tiempo de la tribulación advenidera entraran en la orden seran bienaventurados y seran provados y que los que perseveran en el bien que començaron seran mejores que los antecessores»; cap. LXXXI: «De la profecia de sant Francisco que dixo del mal estado que avia de venir su orden;

representante de uma das frentes do combate pela fidelidade à *intentio* de Francisco que Ubertino, precisamente com a *Arbor Vitae*, quis ilustrar e defender... Atentemos ainda no lugar que o *Floreto* concede, já não diremos a Ângela de Foligno cujo papel junto de Ubertino é - já o referimos - bem conhecido, mas aos elogios e *dicta* do Beato Conrado de Ofida (+1306), esse discípulo de Fr. Leão, confessor e confidente de Francisco e activo membro do grupo que obteve de Celestino V essa (má) solução do problema dos «espirituais» italianos que foi a criação dos «Pobres Eremitas», ainda que depois se tenha afastado das suas posições frente a Bonifácio VIII<sup>31</sup>. Compreende-se que Conrado seja uma das fontes de Ubertino para suportar a defesa da fidelidade na observância da Regra e como fundamento da «pacífica contemplatio Dei, et reformatio mundi per plenum mundi contemptum...», isto é, da «Hierusalem novam» que por «Franciscum et viros ei similes [...] habet iniciari, fundari, sustentari»...<sup>32</sup> E um pouco mais: é sob a palavra de Conrado de Ofida - além do mais, um correspondente privilegiado de Olivi para as questões consequentes das tomadas de posição dos «rebeldes» espirituais<sup>33</sup> - que Ubertino se atreve a divulgar e a assegurar um desses *secreta ordinis* que todos saberiam<sup>34</sup>, mas que nem todos se atreveriam a pôr por escrito: «quod ad eorum confortationem et illuminationem ipsum (Francisco) resuscitaret piissimus Iesus in corpore glorioso et ipsem faceret predictis parvulis suis visibiliter apparere»...<sup>35</sup> Esperamos ter deixado perceber que o *Floreto de Sant Francisco* se reclama, em larga medida, de algumas das tradições mais fecundas do franciscanismo sobre a pobreza..., os estudos..., a renúncia aos privilégios..., o desprezo do mundo..., a *sequella Christi*..., etc. que Ubertino elaborou longamente na *Arbor Vitae* em quadro de estremeçada severidade para com a maior parte da ordem franciscana identificada com «corrumpentibus evangelicam vitam»... Por isso, depois de 1485, e, mais

---

cap.LXXXI: De la grand tribulacion que ha de venir a la orden segundo que Sant Francisco muchas vezes decia y sus companeros publicaron lo despues. E son escriptas las siguientes palabras en la exposicion de la regla que hizo fray angel [Claro no].

<sup>31</sup> Gratien de PARIS, *Histoire de la Fondation et de l'Évolution de l'Ordre des Frères Mineurs au XIIIème Siècle. Bibliographie Mise à jour par Mariano D'Alatri et Servus Gieben*, Roma, 1982, 385-386; David BURR, *Olivi e la Povertà Franciscana...*, ed.cit., 113-130

<sup>32</sup> Ubertino da CASALE, *Arbor Vitae...*, V, 4, ed.cit., 442.

<sup>33</sup> David BURR, *Olivi e la Povertà Franciscana...*, ed.cit., 113-125.

<sup>34</sup> Stanislao da CAMPAGNOLA, *Influsso del Giachimismo nella Letteratura Umbro-Franciscana del Due-Trecento* in Il B. Tomasuccio da Foligno, *Terziario Franciscano ed I Movimenti Religiosi Popolare Umbri nel Trecento* (Raffaele Pazzeli, ed.), Roma, 1979, 97-129.

<sup>35</sup> Ubertino da CASALE, *Arbor Vitae...*, V, 4, ed.cit., 442.

concretamente talvez para a zona portuguesa, entre 1488, ano das primeiras notícias datadas da circulação da *Arbor* nas casas observantes no norte de Portugal, e 1492, ano da impressão sevilhana do *Floreto*, Ubertino deverá ter surgido como um texto de confluência de muitos outros já conhecidos capaz de precisar uma certa imagem de Francisco e tornar mais densa a espiritualidade que reformas e observâncias procuravam redefinir através dessa imagem de Francisco que, com alguma razão, julgavam mais justa e, conseqüentemente, através dela repropor na sua autenticidade a sua *intentio* de Fundador de uma fraternidade que, depois, teve de ser ordem...<sup>36</sup>

Terá sido deste ambiente espiritual que terá partido para a Índia com «tantos carreguos que nom podia deixar de servir bem V.Alteza...» aquele Fr. João Alemão que em 25-10-1512 Afonso de Albuquerque recomenda vivamente a Manuel I de Portugal?<sup>37</sup> Se este Fr. João Alemão foi franciscano - o que se ignora, mas não é impossível - poderia supor-se, como simples hipótese de trabalho, identificável com um Fr. João Alemão que em 1486, vivendo em S. Clemente das Penhas, foi ordenado de presbítero... Ao lado do Conquistador, como seu padre espiritual, teríamos, então, um franciscano saído de um ambiente em que Ubertino era bem conhecido e para quem a derrota do Turco na Índia se abriria a secretos tempos futuros... Não seria, aliás, ele o primeiro sobre quem poderíamos fazer tal juízo... Da Ínsua partiu para Málaga em 1487 um Fr. Paulo, francês, a participar no cerco da cidade e lá morreu...<sup>38</sup> De todos os modos, este Fr. João Alemão de S. Clemente das Penhas seria sempre um melhor candidato a confessor de Albuquerque que esse outro Fr. João Alemão ou Alemany, «fraile menor de la orden de Sancti-Spiritus», que nos começos do século XV terá composto um livro «que habla de los grandes hechos que an de ser en el mundo», frequentemente adaptado na Península Ibérica em função das profecias sobre o «Encoberto»... e de quem já, alguma vez, se sugeriu o quanto interessante seria se pudesse identificar-se com o

<sup>36</sup> Théophile DESBONNETS, *De l'Intuition a l'Institution. Les Franciscains*, Paris, s.a. (1983), admirável síntese que motivou uma não menos admirável nota de G. MICCOLI, *Dall'Intuizione all'Istituzione: Un Passagio non Tutto Scontato* agora in *Francesco d'Assisi, Realtà e Memoria di una Esperienza Cristiana*, Torino, 1991, 98-113; O. CAPITANI, *Della "Fraternitas" all'Ordine: Impressioni di Lettura di un "non Francescanista" in Gli Studi Francescani dal Dopo Guerra...*, ed.cit., 113-142.

<sup>37</sup> Afonso de ALBUQUERQUE, *Cartas* (ed. de R. A. BULHÃO PATO), Lisboa, 1884, II, 93.

<sup>38</sup> Assim o noticia Fr. João da Póvoa em nota ao elenco dos moradores em Santa Maria da Ínsua que pôs no início do *Inventário* de 21-X-1474 (Conf. José Adriano de Freitas CARVALHO, *Livros e Leituras Franciscanos...*, ed.cit., 155 n°122)

homónimo confessor do terrível guerreiro...<sup>39</sup> Não é possível propor qualquer conclusão ou simples sugestão sobre o real significado desses dois casos ainda mal controlados - João Alemão e Paulo Francês -, mas gostaríamos de não apagar os seus rastros...

Contudo, é, de certo modo, nesta linha de influência de Ubertino que se perfila a visão que Fr. Marcos de Lisboa apresenta da história da ordem franciscana. Já não se trata, naturalmente, de uma influência que sabemos segura, ainda que apenas percebida pelas exigências de determinados contextos em vista à renovação da Ordem, mas, sim, do aproveitamento e elaboração de alguns temas iluminadores do papel que na economia da história da Igreja enquanto história da Salvação, estava reservado a Francisco e aos seus fiéis seguidores... Convirá recordar que Marcos de Lisboa foi o primeiro cronista geral da Ordem como resultado da escolha do português Fr. André da Ínsua, ministro geral entre 1547 e 1552<sup>40</sup>. A sua obra, para cuja realização se empenhou não só num extraordinário trabalho de recompilação de fontes, mas também, para tal lograr, numa viagem a pé por toda a Europa franciscana que lhe foi acessível - Espanha, Itália, grande parte da França, pois a Alemanha estava-lhe vedada pelo «estado das coisas da religião»<sup>41</sup> - para além de ser um grande trabalho histórico é ainda - e tal não se costuma ter em conta - uma vastíssima antologia de textos de espiritualidade franciscana, alguns em versão completa e outros até pela primeira vez aí editados... Dadas as suas mais de oitenta edições no original ou em tradução em várias línguas<sup>42</sup>, podemos dizer que a *Crónica da Ordem dos Frades Menores* foi, apesar de Gonzaga e de Wadding, o espelho por que, durante séculos, a Europa conheceu Francisco... e, um pouco mais, ajudou a fixar o papel que a Francisco e à sua ordem estava reservado na história... Curiosamente, apesar de seguir, muitas vezes, à letra, a *Legenda Mayor*, uma das suas fontes mais importantes para a sua biografia de Francisco, que "conforta", algumas

<sup>39</sup> Eugenio ASENSIO na sua ainda não superada «Introdução» a *Desengano de Perdidos* (Goa, 1573) de Gaspar de Leão, Coimbra, 1956, XXVIII.

<sup>40</sup> Fernando Félix LOPES, *Fr. André da Ínsua, Geral dos Observantes Franciscanos* in *A.I.A.*, XII (1952), 5-80.

<sup>41</sup> Marcos de LISBOA, *Segunda Parte da Crónica da Ordem dos Frades Menores*, Lisboa, 1562, «Prólogo ao Lector», s.p.

<sup>42</sup> Francisco Leite de FARIA, *Fr. Marcos de Lisboa, c. 1511-1591 e as Muitas Edições das suas Crónicas da Ordem de São Francisco* in *Rev. Bibl. Nac. Lisboa*, S. 2, 6 (1991), 85-106.



vezes, com a citação do Testamento<sup>43</sup>, foi, precisamente, o *Floreto*... Uma solução de compromisso de quem, queixando-se, desde o Prólogo da sua *Crónica*, da inacessibilidade de certas fontes e não podendo, por isso, reescrever uma biografia de Francisco capaz de suportar a comparação com a de um Boaventura, se atrevia a introduzir algumas pistas que a *Legenda Mayor* tinha (voluntariamente, como acusam muitos) negligenciado? Talvez a questão não se deva pôr em tais termos, mas a realidade dos factos foi essa... Sem esquecer que o seu Francisco é, como o fora e seria ainda durante séculos, o Francisco de S. Boaventura, esse foi o modo por que, de certa maneira, - ele que lastimava não ter encontrado algumas das primeira biografias do «muito Pobrezinho S. Francisco» (saberia que, em larga medida, tal resultava de um decisão impulsada pelo próprio autor da *Legenda Mayor*?) - Fr. Marcos terá contrarrestado «l'impoverimento di notizie e di memorie che la *Legenda Mayor* produsse nella storia francescana»<sup>44</sup>. Ora, exactamente no «Prólogo em que se declara o intento do Espírito Santo em a Instituição da Sagrada Religião dos Menores» aposto à Primeira Parte da obra (1556), Marcos de Lisboa para expor essa questão - a *intentio* de Francisco providencialmente perspectivada - que ele sabe ter desde sempre preocupado e seguir preocupando, apesar da aparenter consagração de reformas e observâncias, uma larga parte da Ordem... Fr. Marcos, dizíamos, aproveita, abundantemente, os três primeiros capitulos do Livro V da *Arbor*... Será fácil de compreender que não poderemos aqui analisar detalhadamente o modo como Marcos de Lisboa procede no aproveitamento primigénio dessas páginas em que Ubertino, com alguma originalidade, traduz, reduzindo embora, por uma cuidadosa precisão da sua aplicação a um caso concreto, o seu alcance escatológico, esquemas e ideias que P. de G. Olivi na *Lectura super Apocalypsim*, sobretudo, aproveitara directamente de Joaquim de Flora...<sup>45</sup> Mas podemos sugerir as linhas e momentos mais significativos dessa elaboração, remetendo para um apêndice a comparação dos textos.

Para fazer ver que a obra de Francisco, isto é, a sua Ordem, foi não só inspirada, mas também «figurada e significada em o Velho Testamento e

<sup>43</sup> Veja-se, por simples exemplo, a citação que desse texto faz Fr. Marcos de LISBOA, *Primeira Parte das Crónicas da Ordem dos Frades Menores*, Lisboa, 1556, I, 24, cit. pela edição global da obra pelos cuidados de Fr. Luis dos Anjos, Lisboa, 1614-1615, I, 21r-21v.

<sup>44</sup> Chiara FRUGONI, *Francesco e l'Invenzione delle Stimate. Una Storia per Parole e Immagini fino a Bonaventura e Giotto*, Torino, 1993, 32.

<sup>45</sup> Seria interessante investigar as razões por que terá Fr. Marcos de Lisboa "apagado" referências a Joaquim que encontrou nas suas fontes, como, por exemplo, o *De Conformitate*...

prophetizada em o Novo e, por tal, de grande alteza e perfeição», Marcos de Lisboa, para expor a primeira parte do seu asserto, recorre, através de Ubertino, a Jeremias e, para a segunda, como já era bem tradicional, ao *Apocalipse*. Mas o mais interessante é que para mostrar a figura da Ordem no *Velho Testamento* o cronista escolhe do profeta Jeremias um texto (35, 7-10) que lhe permite sublinhar, antes de mais, o carácter peregrino dos franciscanos, pois estes, tal como os recabitas, não constroem casas..., não semeiam..., não plantam vinhas..., vivem em tendas... A este carácter peregrino que propõe o desapego do mundo e não propriamente o seu desprezo, Marcos de Lisboa junta, glosando ainda o texto bíblico, a estreita abstinência e pobreza e a obediência em que viviam os fiéis descendentes de Recab, tal como vivem os verdadeiros filhos de Francisco. Desta «geração sairá o varão justo que para sempre viverá na presença de Deus...», que, como já teremos suspeitado, é a figura expressa de Francisco. Com efeito, "cotejando" as palavras do profeta com as da Regra verifica-se que também nesta se ordena que «os frades nenhua cousa tenham propria, nem casa nem lugar, nem alguma outra cousa, mas como peregrinos e estrangeiros em este mundo com pobreza e humildade sirvão ao Senhor...». Se tal figura de Francisco no *Velho Testamento* é apresentada deste modo tão «velado quanto aquelle antigo estado compadecia...», no *Novo Testamento*, mais precisamente no *Apocalipse*, profetiza-se pormenorizadamente «o tempo e o estado do glorioso S. Francisco e seus filhos...». Refere-se, naturalmente, ao cap.7, 2 desse texto joanino em que surge o Anjo do Sexto Selo, figura com que desde muito cedo, a ponto de no tempo de Marcos de Lisboa ser, em certos ambientes, já um lugar comum quase inquestionável, se vinha identificando o santo de Assis. Se isto é verdade, Fr. Marcos que poderia muito bem ter recorrido a outras fontes - inclusivamente ao Prólogo da *Legenda Mayor* que bem conhecia - tradu-lo, citando-o, directamente de Ubertino: «Esta prophecia de S. João, segundo dá testemunho Ubertino, São Boaventura, seraphico Doctor, a pregou e a affirmou em hum capitulo provincial em Paris, que se entendia do padre S. Francisco. E que elle era certo e por revelações divinas que não podia duvidar que S. Francisco era o Anjo do 6º sello e que em todos os cenarios deste livro do Apocalipse S. João punha os olhos em o collegio dos frades menores perfectos imitadores de Christo»... Assim estabelecido Francisco como o Anjo de Sexto Selo e como *alter Christus* que na sexta idade realiza a plena concordância entre o *Velho* e o *Novo Testamento*, Marcos de Lisboa com ligeiras adaptações que, de um modo geral, mais do que o resultado de uma síntese forçosa, são o esforço

por matizar alguns extremismos de linguagem ou de algum tema mais radical que a evolução da Ordem já não justificava nem o contexto eclesial da segunda metade do século XVI toleraria, continua a aproveitar, traduzindo-lhe os passos mais significativos, essas páginas do primeiro capítulo desse Livro V da *Arbor Vitae* em que Ubertino expõe uma série de *notabilia*, recebidos de um Joaquim de Flora que parece só ter conhecido através de Olivi, a periodização da história da Igreja para precisar o papel central do «muito pobrezinho São Francisco», qual «novo Adão»<sup>46</sup>, na fundação de um *populus novus* destinado a renovar no sexto estado a vida evangélica... Nesta ordem de ideias, Fr. Marcos, como era previsível, reteve, sintetizando-as, as passagens em que Ubertino retoma, para melhor a fixar, a imagem de Francisco como *alter Christus*, quer dizer, na tradução portuguesa, que «tal como Deus criou no sexto dia o homem à sua imagem e semelhança, também Christo formou em o sexto tempo da Igreja S. Francisco à sua imagem e semelhança expressada sua cruz e vida para nova multiplicação de fructo de bentos e escolhidos...». Marcos de Lisboa ao reter, especialmente, esta visão de Francisco muito própria também de Ubertino mostra ter percebido que o que distingue, desde este ponto de vista, a *Arbor* das suas fontes é, precisamente, não sublinhar apenas a «conformidade» de Francisco com Cristo - tema em que se vinha empenhando toda uma tradição que, como já lembrámos, culminará na célebre obra de Bartolomeu de Pisa, bem conhecida do cronista português - mas, sim, acentuar a «função histórica de renovação que ele assume na Igreja» e, logo, a responsabilidade de todos os que o seguem... Com efeito, interroga-se, continuando a traduzir a sua fonte, Marcos de Lisboa: «Quem poderia contar, nem ainda alcançar, com quanta semelhança o Spirito Santo representou em a vida deste santo a igreja, a cruz e humildade e perfeição que se ha de seguir Jesus Christo? Assi era necessario pelas grandes necessidades que a Igreja tinha...». E o futuro bispo do Porto não se cansa de continuar a traduzir na mesma linha para acentuar como esse *alter Christus* foi, desse modo, «o servo escolhido para tanta urgência», isto é, para que Cristo voltasse como a que ser crucificado «para assim se renovarem na memoria dos homens o guião da cruz e chagas e seguirem os christãos a perfeição do estado evangelico que em sua santissima vida nos ensinou...». Deste modo, Marcos de Lisboa, ao sintetizar essas páginas da *Arbor*, se soube deixar bem claro que também para si, como para Ubertino, Francisco é, antes de mais, o *renovator vitae*

<sup>46</sup> Para significado cultural deste tópico será interessante ter presente o que traz Chiara FRUGONI, *Francesco e l'Invenzione delle Stimate...*, ed.cit., 107.

*Christi*, pois o «representa aos olhos dos fiéis por sua pessoa e varões perfeitos da sua ordem...», soube igualmente, tirando as consequências, marcar o profundo cristocentrismo que as informa. Como prevenimos e se terá, certamente, compreendido temo-nos limitado aqui a apontar o núcleo central dos, talvez melhor que tradução, aproveitamentos que Marcos de Lisboa fez desses três primeiros capítulos do Livro V da *Arbor Vitae*, mas cremos terá sido possível deixar entrever como o futuro bispo do Porto soube traduzir, o que também quer dizer adaptar, para a fixar para sempre, essa imagem do «muito pobrezinho São Francisco» e da sua ordem - cremos que o cronista português nunca se põe a questão da evolução da fraternidade para a ordem - nos primeiros tempos que uma parte dela perseguia (ou julgava perseguir) desde há séculos. E não deixa de ser interessante que o tenha feito na segunda metade de Quinhentos, isto é, numa altura em que a Observância, desde 1517 senhora da representação "auténtica" de Francisco, voltava, uma vez mais, a ter de se "redefinir" em função dessa imagem... Talvez - e é uma simples sugestão - este vasto e complexo contexto nos ajude a perceber algo das razões por que, depois de regressado dessa larga peregrinação pela Europa franciscana, terá Marcos de Lisboa optado por se passar à recém-criada província de Santo António, dita Capucha, onde a Regra se observava (de novo) um pouco mais estritamente. Será para o mesmo contexto que nos deve remeter o seu patrocínio empenhado da edição (Lisboa, 1555) do *Tratado de como S. Francisco buscó e halló a su muy Querida Señora la Sancta Pobreza...*, isto é, da tradução do *Sacrum Commercium*<sup>47</sup> e depois - ele que os tinha largamente traduzido em português na sua *Crónica* - de ter favorecido e prefaciado a edição (Lisboa, 1576) da tradução em castelhano dos *Canticos Morales, Espirituales e Contemplativos* de I. da Todi que ele descobrira em Roma pela mão de Luís Gonçalves da Câmara<sup>48</sup> que, então (1558-1559), depois de ter sido

<sup>47</sup> Para os problemas de autoria, articulação teológica e edição crítica do texto desse *unicum* que é o *Sacrum Commercium* deve ver-se a excelente edição da obra preparada por Stefano Brufani, Assis, 1990. Seria interessante verificar algum dia de que texto se serviu o tradutor (português?) da impressão de Lisboa - de uma cópia manuscrita ou da edição de Milão (G.A.Castillliomo) de 1539?

<sup>48</sup> Efectivamente, Fr. Marcos de Lisboa na dedicatória da edição dessa tradução das *Laude* «Ao muyto R. P. Luys Gonçalvez de Camara, da Companhia de Jesus, Confessor e Mestre del Rey nosso Senhor...» declara: «Bem lembrará a V. R. que em Roma me deu os cantos italianos do bernaventurado F. Iacopone, frade menor, pera que com elles me consolasse e esforçasse na peregrinação que entã fazia por causa da historia da nossa ordem. E verdadeiramente eu recebi delles os effectos que me V. R. prometeo. E vi com quanta razam os padres de sua sancta companhia se servem e aproveitam de sua familiar lição...». Nos seus estudos, segundo cremos, ainda não superados, Pedro LETURIA, *Lecturas Ascéticas Y Lecturas Místicas entre los Jesuitas del Siglo XVI e Cordeses*,

(Setembro de 1553-Dezembro de 1555) o confidente de Inácio de Loyola para a sua *Autobiografia*, estava, de novo, em Itália. Era outro modo seu de continuar a insistir na proposta de prosseguir na busca da conformidade com Francisco de acordo com uma imagem que também ele e os seus companheiros observantes iam construindo pensando ser a primitiva... E, se nos recordarmos que o *Sacrum Commercium* é um dos textos franciscanos mais apreciados por Ubertino que deles fez uma das suas fontes para exaltar a «santa pobreza»<sup>49</sup>, podemos ganhar não só mais um elo de ligação entre a *Arbor Vitae* e a *Crónica da Ordem dos Frades Menores*, mas também um fio para tecer com mais precisão o contexto em que se inscreve esse importante momento da cultura e espiritualidade portuguesa da segunda metade do século XVI que é esse «Prologo em que se declara o intento do Espirito Santo na Instituição dos Frades Menores»... Depois, Marcos de Lisboa que se aproveita, ainda que dispersamente, de Ubertino para enformar certos momentos da sua biografia de Francisco que ocupa largamente a Primeira Parte da sua *Crónica*, traduz, como que consagrando formalmente o outro modo como que o século XVI leu a *Arbor Vitae*, isto é, como um grande texto de meditação sobre a vida de Cristo, a *Comemoração do Exercício da Paixão de Christo que S. Francisco fazia a seus Frades* (I, 1, 87)<sup>50</sup>. E, naturalmente, o observante que, pouco depois, passará para a recoleta Província de Santo António, não se esquece de chamar a atenção para o papel que o casalense desempenhou nos debates da *magna quaestio* da pobreza de Cristo e dos Apóstolos junto de Bonifácio VIII e João XXII (II, 8, 10). A biografia de Ubertino (II, 7, 22) sacada, como declara, das notas autobiográficas que o próprio autor deixou no Primeiro Prólogo à *Arbor Vitae*, coroa, com a naturalidade das coisas que muito se admiraram, a recordação desse alguém que «foy de singular sciencia e zelo de religião»...

Poderiam estudar-se, com algum pormenor, através de uma série de exemplos portugueses e castelhanos que vão de Francisco de Osuna na *Ley de Amor Santo* (1530) até, nos começos do século XVII, o *Vergel del Anima Religiosa* (1610) de Fr. Juan de los Ángeles, passando pela corres-

---

*Mercuriano, Colegio Romano y Lecturas Espirituales de los Jesuitas en el Siglo XVI in Estudios Ignacianos*, Roma, 1957, 269-331; 333-378 não refere esta «familiar lição».

<sup>49</sup> M. DAMIATA, *Pietà e Storia nell' "Arbor Vitae"...*, ed.cit., 27, 32, 214, 215 aponta, com precisão, o significado do aproveitamento do *Sacrum Commercium* por parte de Ubertino; S.BRUFANI na "Introdução" à sua edição, já referida, desse texto faz também algumas alusões à mesma questão.

<sup>50</sup> A ignorância não nos permitiu descobrir em *Arbor Vitae* as páginas donde, como o declara explicitamente em nota, recolhe Fr. Marcos esta *Comemoração*.

pondência de João de Ávila..., pelo *Tratado da Paixão* (1551) de Jorge da Silva... e por vários tratados de Fr. Luis de Granada - pensamos, especialmente, na sua breve *Vita Christi* (Lisboa, 1561) - e ainda pelos *Motivos Espirituais* (c. 1600) do arrábido Fr. Rodrigo de Deus, poderiam estudar-se, dizíamos, as marcas, que já sugerimos, de Ubertino em outros caminhos da espiritualidade que, desde os fins do século XV, percorrem, nem sempre pacificamente, os campos da meditação na vida de Cristo, particularmente da sua paixão. Poderíamos até perguntarmo-nos qual o papel que em todas estas leituras representou esse já aludido anónimo *Fascicillum Myrrhae* (Sevilha, 1517, mas frequentemente editado ao longo de Quinhentos) - um título que bem poderia derivar das páginas prologais em que Ubertino explica como as suas primeiras meditações sobre a vida de Cristo, em especial sobre a sua paixão, que virão a constituir o Livro IV da sua obra, intitulara precisamente *Dilecti Iesu Fascicullus Myrrhae* - que, com um pouco de violência, se poderia dizer uma antologia da *Arbor Vitae*... É um urgente trabalho a fazer e em que não há, uma vez mais, qualquer interesse em olhar as coisas desde Espanha ou desde Portugal, mas aqui apenas podemos aludir a que este tipo de presença de Ubertino se situa, preferentemente, entre a simples citação de autoridade e a exploração de uma fonte de pormenores para completar, dolorosamente quase sempre, o retábulo da paixão de Cristo...<sup>51</sup> Cremos, por exemplo, que quase tudo o que diz respeito ao tema das dores mentais de Cristo, um tema que, tantas vezes, permitiu, com êxito, caminhar no sentido da interiorização dessa meditação, deve, na Península Ibérica, muito mais à *Arbor Vitae* em que o tema, aprendido, como confessa Ubertino, na escola de Olivi e de Ângela de Foligno, aparece ou enunciado ou explicitamente tratado (v.g. *Prologus Primus*...; IV, 9; IV, 15...) do que, por exemplo, às *Epistolas* de Hugo de Panziera sobre o assunto..., apesar de Fr. Marcos lhe publicar alguma na sua *Crónica* (II,7,28).

A estes autores, neles incluídos os franciscanos - o que, à primeira vista, não deixará de ser um tanto estranho - que elencámos, assim, sem precisões nem matizes de contextos nem de orientações de espiritualidade e ao longo de um aro cronológico tão amplo como vago - quase um século peninsular em que os ecos da fragmentação da Igreja (ou das Igrejas?) e dos

---

<sup>51</sup> Para além do trabalho já citado de Mário Martins - inolvidável personalidade e insubstituível presença na erudição medieval portuguesa - permitimo-nos recordar um velho trabalho nosso, *Evolução na Evocação de Cristo Sofrente na Península Ibérica (1538-1630)* in *Homenaje a Elias Serra Rafols*, La Laguna, 1970, II, 47-70.

caminhos, nem sempre lineares, em direcção à uma cada vez mais confrontante definição doutrinal têm de ser tidos em consideração mesmo num simples estudo de influências - apenas unidos por um autor - donde a sua autoridade? - e uma obra como fonte de pormenores para a sua *ars meditando*, não parece - e digámo-lo com todas as reservas que gostaríamos de ver desmentidas - interessar o Ubertino que, por mil modos, propõe Francisco como o *renovator vitae Christi*, incluindo, naturalmente, a sua paixão, mas, sim, o Francisco heróico fundador de uma ordem... e exemplo de humildade e da pobreza que a reflecte..., do desprezo do mundo... Donde esta exaltação? Por outro lado, não lhes interessa tão pouco, obviamente, de um modo programático, esse papel da ordem franciscana como o *novus populus* da Igreja em que Ubertino, na esteira do próprio Francisco, insistia..., mas que muitos otros, especialmente, por agora, franciscanos, tentarão, também com matizes de radicalismos que, alguma vez, serão tidos por heterodoxias, transpor nos novos mundos abertos à evangelização...

E, no entanto, apesar de tudo, estaríamos em dizer que «este» S. Francisco *renovator vitae Christi* na Sexta Idade que, fundamentalmente, ditou a *Arbor Vitae Crucifixae*, talvez terá marcado outras zonas da cultura portuguesa do século XVI e que, normalmente, não costumam ser olhadas desde este ponto de vista da história da espiritualidade. Referimo-nos ao *De Aetatibus Mundi Imagines* de Francisco de Olanda<sup>52</sup>.

Como se sabe, nesta magna obra em que o núcleo inicial data de 1545-1547, o pintor português ilustra uma periodização da história do mundo-história da Salvação absolutamente tradicional em que a *Sexta Aetas* em que vive e que durará *usque ad finem saeculi* começara com a encarnação do Filho, isto é, com o primeiro advento de Cristo. É, assim, a vida de Cristo, dos Apóstolos, dos Mártires, dos Anacoretas, dos Eremitas, dos Padres que Olanda vai representando pelas figuras históricas que julga mais significativas. A *Navis Petri*, a Igreja, que com naturalidade, porque esse é o seu tempo, ainda que, por contraste ou por apologia - ou por ambos simultaneamente -, reflectido pelos aureos começos, culmina essa série de ilustrações, sulca tranquila, porque sabe, como indica a própria legenda do desenho de Olanda, que «*Portae Inferi non prevalebunt adversus eam*» (Math. XVI), base de todas as glosas - logo também da respectiva passagem

52 Este *opus magnum* de Francisco de Olanda foi publicado por Jorge SEGURADO em Lisboa, 1983, sob os auspícios do Comissariado para a "XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura"; Sylvie DESWARTE, *As Imagens das "Idades do Mundo" de Francisco de Olanda*, Lisboa, 1987

da *Glosa* - «de fortitudine et firmitate Ecclesiae»...<sup>53</sup> Ora, no fim exacto desta série de desenhos que ilustram o tempo da Igreja, a *Sexta Aetas*, e antes que Olanda nos mostre a *Concuspicientia* e a *Inobedientia* representadas na Grande Meretriz Babilónica que, cavalgando o dragão, o Mundo adorará antes da vitória final da *Fides* - uma clara representação, segundo nos parece, aos dias do Anti-Cristo que deverão preceder a *Mors Aetatum* e, logo depois, a *ressurrectio* final para o Juízo - o pintor português coloca um desenho representando S. Francisco recebendo as chagas que o conformam totalmente a Cristo, fazendo dele, portanto, um *alter Christus*... É, como já foi apontado, a última figura histórica do códice<sup>54</sup>. Situando-o entre a *Navis Petri* e o aparecimento da Grande Meretriz, será violento afirmar que Olanda ilustra aqui esse S. Francisco não só *renovator vitae Christi* na Sexta Idade, mas também, para utilizar a expressão de Tomás de Celano dizer com Ubertino traduzido por Fr. Marcos, não só no centro da «renovaçam da vida evangelica», mas também da «guerra contra a secta do antichristo pellos pobres voluntarios que nada possuem nesta vida»... E não diz ainda Ubertino, também de acordo com a tradução do cronista franciscano, que «a septima idade começará na morte do antichristo figurada aos XX capitulos de Apocalypse, na final condenaçam do drago»? E um pouco mais ainda: Que, como escrevia o franciscano português, «o muito pobrezinho S. Francisco» e seus discípulos, entendamos, esses *virus ei similes* representados nesses «Clara» e «Antonius» que Olanda assinalou a vermelho no seu desenho, terão, qualquer seja a periodização da História, um papel central na renovação da vida espiritual dos últimos tempos que, obviamente, são «o estado da imitação de Christo reformativo da Igreja em os reformadores da vida evangelica»? Talvez tudo isto não seja tão violento como poderia pensar-se, mas, de qualquer forma, deixando para outro momento a exploração mais precisa destas sugestões, atrevemo-nos a confessar que onexo entre o contexto espiritual desses anos por onde passa, directa ou indirectamente, Ubertino e a sequência ilustrativa de Olanda nos parece uma chave de interpretação preferível a qualquer filão joaquimita vagamente mais directo...<sup>55</sup>

<sup>53</sup> Unicamente a título ilustrativo pode ver-se o que traz Álvaro PAIS, *Status et Planctus Ecclesiae* (art.63) que citamos por *Estado e Pranto da Igreja (Status et Planctus ecclesiae)*, Estabelecimento do texto e tradução de Miguel Pinto de MENESES, Lisboa, 1991, III, 136.

<sup>54</sup> Sylvie DESWARTE, *As Imagens do Mundo...*, ed.cit., 105 n°6

<sup>55</sup> Naturalmente, tais observações não implicam negar que Joaquim de Flora esteja ausente, indirectamente que seja, como elemento desse contexto, mas, sim assinalar que a sua presença aqui é tão oblíqua e longínqua quanto a «corrente de espiritualidade franciscana tão importante em



É para este mesmo contexto cultural, mas com um alcance que, por agora, apenas nos atrevemos a sugerir, que poderão remeter as notícias de que dispomos sobre a provável circulação no Portugal da segunda metade de Quinhentos, da *Apocalypsis Nova* atribuída ao Beato Amadeu da Silva. Atribuída, mas seguramente o texto que hoje conhecemos - e que, possivelmente, já assim foi conhecido no século XVI - não lhe pertence. Como se sabe, especialmente depois dos já citados estudos de Ana Morisi Guerra e de Cesar Vasoli, tal texto profético *post factum* terá fundamentalmente resultado da intervenção do polémico cardeal de Santa Cruz e protector da reforma franciscana dos amadeitas, o espanhol Bernardino López de Carvajal - por um momento, no concílio de Pisa, aspirante a tornar-se o papa profetizado pelo Beato Amadeu - e de G. B. Salviani, um franciscano bosno que poderá ter-se servido do texto no mesmo sentido e pretensões...<sup>56</sup> Desde muito cedo, cronistas franciscanos e autoridades eclesiásticas assinalaram, sem nomear ou sem acertar nos seus autores, essas interpolações no texto de um autor de que mesmo os mais sérios especialistas sobre a obra não acertam nem o nome nem a biografia<sup>57</sup> - a começar pela sua nacionalidade -, que só recentemente recebeu esclarecimentos fundamentais, nem sempre suficientemente divulgados, nos trabalhos de A. D. de Sousa Costa<sup>58</sup>. Notemos, antes de mais, que com anterioridade a Marcos de Lisboa já o português Gaspar Barreiros, então

---

Portugal» (S. DESWARTE, *As Imagens do Mundo...*, ed. cit., 105) é múltipla, a ponto de nos parecer preferível falar em correntes... e ver, com mais precisão, qual a que poderá ter marcado Olanda. Por vasta e fecunda que seja a «posterité spirituelle» do abade calabrés não parece ser aconselhável, para não falar em legitimidade, em tudo e em todos ver a sua marca como tem tantas vezes lembrado a crítica mais inteligente desse *mapa mundi* de Saber que é a obra que Henri de Lubac dedicou ao joaquimismo - *La Posterité Spirituelle de Joachim de Flore*, Paris-Namur, s.a. (mas, I, 1979 e II, 1981). Com efeito, também aqui podera dizer-se, glosando H. Heine citado por H. de Lubac a outro propósito (*La Postérité Spirituelle...*, ed. cit., II, 30), que, afinal, em certos momentos e em certas obras, também Joaquim de Flora «est partout et nulle part»... Curiosamente, como salienta a nossa doutíssima Amiga e colega, Sylvie Deswarte, os teólogos conselheiros e aprovadores do trabalho de Olanda são dominicanos e não franciscanos (conf., *As Imagens do Mundo...*, ed. cit., 34, 35). Seria interessante ponderar os porquês desta opção (?), sem apelar aos que são facilmente imagináveis mesmo que, no fim, viessem a revelar-se os mais verdadeiros...

<sup>56</sup> C. VASOLI, *Profezia e Ragione...*, ed. cit., 90.

<sup>57</sup> Apenas a título de exemplo, v. François SECRET, *Le Kabbalistes Chrétiens de la Renaissance* (Nouvelle Edition mise à jour), Milano, 1985, 103 em que vem nomeado por «Amadeus (Jo Menesius da Silva, 1431-1482)», o que não deverá ser simples falha tipográfica, pois a tradução espanhola dessa magna obra vem exactamente o mesmo (*La Kabbala Cristiana del Renacimiento*, Madrid, 1979, 126)

<sup>58</sup> António D. de Sousa COSTA, *Studio Critico e Documenti Inediti sulla Vita del Beato Ameseo da Silva nel Quarto Centenario della Morte*, Roma, 1985.

ainda cónego de Évora e depois, em 1562, franciscano no convento romano de Aracoeli - notemos, para o que valer, que aí leu cerca de 1547 G. Postel a obra de P. Galatino<sup>59</sup> - sob o nome de Francisco da Madre de Deus, tinha chamado a atenção, nas últimas páginas da sua *Corographia*<sup>60</sup> - redigida em 1546 e publicada em Coimbra em 1561 - para essas intervenções no texto da *Apocalypsis Nova* ditadas «por humanos interesses»..., que uma vez mais o "actualizavam", como, aliás, era normal em sede profética...

Como já em outra ocasião tivemos oportunidade de analisar algumas as notícias do século XVI português que poderão documentar o conhecimento da *Apocalypsis Nova* - um título, curiosamente, de «rancio abolengo» franciscano, pois já o célebre Gerardo de Borgo de S. Donino o utilizara<sup>61</sup> -, limitar-nos-emos aqui a uma simples rememoração das mais importantes. Como, para estas datas, apenas temos notícias e não textos - cópias..., extractos..., citações...- não podemos discutir o que verdadeiramente foi conhecido. O texto integral? Alguns extractos? Mas, dadas as variantes, que texto terá circulado?

A primeira notícia que possuímos acerca do livro atribuído ao Beato Amadeu relacionada com Portugal diz respeito à certidão que em Azeitão, em 21-II-1543, passou Fr. Pedro de Alcântara, o futuro santo, sobre a existência e itinerário de uma cópia desse texto que de Roma trouxera para Castela Fr. Francisco de los Angeles (Quiñones), então ministro geral da Observância, eleito em 1523<sup>62</sup>. A ser assim - haverá que garanti-lo por outras vias, pois, muitas vezes, as datas, mesmo se garantidas por certidão de santo, não são precisas - já conheceria Francisco de los Angeles a

<sup>59</sup> M. REEVES, *The Influence of the Prophecy in the Latter Middle Ages. A study in Joachimism*, Oxford, 1969, 234, 238, 479, C. VASOLI, *L'Apocalypsis Nova: Gioglio Benigno, Pietro Galatino e Guillaume Postel in Filosofia e Religione nella Cultura del Rinascimento*, Napoli, 1988, 211-229.

<sup>60</sup> Gaspar BARREIROS, *Corographia de alguns Lugares que estam em hum Caminho que fes...ao anno de MDXXXVI começando em a Cidade Badajoz em Castela té a cidade de Milam em Italia*, Coimbra, 1561 (aliás, Coimbra, 1968, reprodução anastática da ed.cit.), 245v-247v.

<sup>61</sup> Bernhard TOPFER, *Il Regno Futuro della Libertà. Lo Sviluppo delle Speranze Millenaristiche nel Medioevo Centrale*, Genova, 1992, 177 (a 1ª ed. é de Berlim, 1964).

<sup>62</sup> Pedro de Alcáçova CARNEIRO nas suas *Relações* (1515-1568) publicadas por E. Campos de ANDRADA (Lisboa, 1937) traz (p.221) uma *Lembrança de quando veio o geral de S. Francisco da Observancia* em que recorda as cerimónias com que, nesse ano de 1524, foi recebido em Évora e impressão de virtude que aí deixou. Recordemos que nessas datas (1524) Paolo Angelo divulgava em italiano na *Epistola... Sathan Ruinam Tyrannidis* uma passagem importante do texto atribuído a Amadeu da Silva relativo ao «Pastor Angélico», como aponta G. TOGNETTI, *Note sul Profetismo nel Rinascimento e la Letteratura Relativa in Boletino del Istituto Storico Italiano per Il Medioevo e Archivio Muratoriano*, LXXXII (1970), 129-157 esp.152-153.

*Apocalypsis Nova* quando nessa qualidade visitou, nos começos de 1524, Portugal onde impressionou pela sua muita virtude? Pode ser um dado muito interessante a reter, pois o Geral Quiñones que, mais tarde, nos seus tempos de cardeal (eleito em 1528) terá como capelão nada mais que o velho e ferveroso leitor da *Apocalypsis Nova* que foi Pedro Galatino<sup>63</sup>, é o conhecidíssimo autor da célebre *Instrucción* dada em 30-X-1523 a Fr. Martín de Valencia antes de passar à América e em que, com imprecisão, por serem confundidos com o forte sentimento escatológico que a informa, á se tem querido descortinar traços utópico-joaquimitas...<sup>64</sup> Seria, porém, apaixonante poder, algum dia, relacionar tudo isto com as peripécias de esse manuscrito da *Apocalypsis Nova* que de Roma foi, através de Espanha, parar, precisamente, às Índias de Castela onde foi novamente copiado e donde regressou para ser aprovado pelo arcebispo de Sevilha que era então, como diz a referida certidão, Alonso Manrique († 1538), esse «complejo personaje» que foi um inquisidor-geral de «talante moderado y tolerante», correspondente de Erasmo e protector não muito bem sucedido de erasmistas...<sup>65</sup> Depois da aprovação do arcebispo foi o manuscrito recuperado por S. Pedro de Alcântara<sup>66</sup>... Qual o seu destino? Por agora,

<sup>63</sup> C. VASOLI, *Giorgio Benigno Salviati, Pietro Galatino e la Edizione di Ortona (1518) del "Arcanis Catholicae Veritatis, in Filosofia e Religione..."*, ed. cit., 183-209 (esp. 187-188) chamou a atenção para este facto; R. RUSCONI, *Circolazioni di Testi Profetici agli inizi del Cinquecento. La Figura di Pietro Galatino*, in AA.VV., *Il Profetismo Gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento (Atti del III Congresso Internazionali di Studi Gioachimiti)*, ed. G. L. POTESTÀ, Genova, 1991, 379-400 ponderou com notável cuidado a circulação, nos começos do século XVI, de textos proféticos medievais de que Pedro Galatino foi um atento coleccionador.

<sup>64</sup> J. I. SARAYANA, A. de ZABALLA, *Joaquín de Fiore y America*, Pamplona, 1992 examinaram, com preciosa atenção, este velho e sempre tão "excitante" como mal colocado problema e, aparte qualquer aspecto e de que poderíamos - interessará, verdadeiramente, a estas luzes em que nos colocamos, distinguir o joaquimismo autêntico do falso? -, apresentando, cremos, a melhor e mais serena perspectiva sobre «el evangelismo escatológico novohispano» que não haverá que confundir com o «pseudo-joaquimismo bajomedieval»(37). Curiosamente, os eruditísimos autores não parecem ter-se colocado directamente a questão do papel que poderão ter desempenhado o Livro V da *Arbor* e a *Apocalypsis Nova*. Exageramos? De todos os modos, para estas questões serão ainda de ter presentes os trabalhos de Juana ARCELUS ULIBARRENA, *Cristóbal Colombo y los Primeros Evangelizadores de Nuevo Mundo. Lección de Profetismo Joaquinista*, in AA.VV., *Il Profetismo Gioachimita tra Quattrocento e Cinquecento...*, ed. cit., 475-504 e *La Esperanza Milenaria de Joaquín de Fiore y el Nuevo Mundo: Trayectoria Española de una Utopia* in *Florensia*, I, 1 (1987), 47-75.

<sup>65</sup> Miguel AVILEZ, *Erasmo y los Teólogos Españoles* in AA.VV., *El Erasmismo en España* (ed. M. REVUELTA SANUDO, C. MORÓN ARROYO), Santander, 1986, 175-193

<sup>66</sup> Assim se deduz do que afirma S. Pedro de Alcântara na referida certidão (Conf., A. BARRADO MANZANO, *S. Pedro de Alcántara...*, ed. cit., 186.

interessa-nos apenas assinalar que, pelo menos cerca de 1543, haveria em Portugal círculos espirituais que, muito provavelmente, conheciam uma obra cuja estima e ortodoxia vinham garantidas pelo prestígio do ministro geral dos franciscanos observantes, pelo arcebispo de Sevilha e por um Fr. Pedro de Alcântara, figura estreitissimamente relacionada com os arrábidos portugueses e com altas figuras da corte lusitana, como o infante Luís, a infanta Isabel, duquesa de Bragança, e a infanta Maria de Portugal, como pode testemunhar alguma da correspondência ainda conservada<sup>67</sup>... Isto sem pensar no atractivo de saber - se o soubessem... - que o autor era português... A notícia poderá ganhar ainda mais relevância se recordarmos que, como referimos, por estes mesmos anos, mais exactamente em 1546, Gaspar de Barreiros viria a conhecer em extensão e por meios (directamente?) que, apesar de tudo, ainda não podemos precisar, o texto das profecias atribuídas ao Beato Amadeu da Silva. Com efeito, o então cônego de Évora, em Milão, onde «sta o corpo de beato Amadeo, tido em muita estima e veneraçam», ao fazer uma «breve commemoraçam» biográfica desse nosso natural de quem, em contraste com «os estrangeiros que tudo fazem para que lhe celebrem seu nome, dediquem igrejas e fabriquem nobres sepulturas», há «tam pouca lembrança da memoria [...] que tenhamos seu nome em perpetuo esquecimento»<sup>68</sup>, apesar da lenda que o envolvia em amores desencantados com princesas e do encontro que tivera com algum alto prelado seu parente e embaixador de Portugal ao papa, assinala a importância do texto profético que circulava sob o seu nome... E, como prova dessa importância e da santidade desse homem «sancto e nobre» recorda, que «fazendo assi sancta vida teve muitas revelações de nosso Senhor, de que deixou alguas profecias scriptas em Latim, antre as quaes foi o sacco de Roma [...] e assi outras muitas cousas que se acharam depois mui verdadeiras»...<sup>69</sup> Mais do que «o livro das suas profecias que anda adulterado com muitas cousas frivolas que n'elle foram interpostas por pessoas induzidas pello Demonio e por humanos interesses»<sup>70</sup>, há que considerar a sua vida, pois nela achará «quem quer que elle for, muitas

<sup>67</sup> A. BARRADO MANZANO, *S. Pedro de Alcântara...*, ed. cit., 188, 189, 196, 197, 198, 200, 202, 203 204, 205 publica esta correspondência que, já anteriormente, editara Fernando Félix LOPES, *Influência de S. Pedro de Alcântara na Espiritualidade Portuguesa*, Coimbra, 1964, 55-64.

<sup>68</sup> Gaspar BARREIROS, *Corographia...*, ed. cit., 245v.

<sup>69</sup> Gaspar BARREIROS, *Corographia...*, ed. cit., 247v.

<sup>70</sup> Gaspar BARREIROS, *Corographia...*, ed. cit., 247v.

cousas dignas de memoria e proveitosas para edificaçam nossa»...<sup>71</sup> Preferindo acentuar a «vida sanctissima... de muita aspereza e sanctos costumes...» em lugar de se demorar na obra "adulterada" - mas demonstrando saber que continha um núcleo original autêntico e estar a par da história do texto que circulava, o que não significa necessariamente que o conhecesse directamente -, Gaspar Barreiros não se demorou a assinalar as esperanças de renovação da cristandade que largamente ditam o texto nem os seus agentes... Talvez por isso - não esqueçamos que só conhecemos o texto da *Corographia* editado em 1561... - não tem uma palavra sobre um dos temas obsessivos da obra, o *Pastor Angelicus* - um dos grandes mitos da cristandade medieval e renascentista<sup>72</sup> - que no texto actualmente conhecido seria, como em toda uma longuíssima tradição, contemporâneo de um *Rex Magnus* empenhado, a seu modo e segundo o seu estado, nessa renovação espiritual dos últimos tempos que incluía, naturalmente, a destruição de «universa fere scelera...», para o dizer com a expressão de Jean de Roquetaillade, ilustre franciscano e, de certo modo, precursor, neste como em outros temas, da *Apocalypsis Nova*...<sup>73</sup> Devemos, contudo, notar que no texto do Pseudo-Amadeu o *Rex Magnus*, representação do Imperador dos Últimos Tempos de ancestral ascendência pseudo-metodiana e sibilina, não conserva a obsessiva relevância com que atravessou a Idade Média e se anichou - por propaganda ou por convicção - em certas zonas culturais da Península Ibérica nos tempos modernos. Com efeito, na *Apocalypsis Nova* quase tudo se organiza em torno do advento do *Pastor Magnus*..., esse *Pastor Angelicus*..., esse *Pastor Bonus*... que em Portugal, confirmando, a seu modo, se outros não houvesse, o que já sugerimos, alguns esperavam tão veementemente que partiam para Roma para o receber ou para o vir a ser, como já o fizera, aliás, esse Fr. Bonaventura que em 1514-1516, em Roma,

<sup>71</sup> Gaspar BARREIROS, *Corographia*..., ed.cit., 247v.

<sup>72</sup> Bernard McGINN, "Pastor Angelicus": *Apocalyptic Mith and Political Hope in the Fourteenth Century* in *Santi e Santità nel Secolo XIV*, Assisi, 1989, 219-251 apresenta a mais cuidada síntese e a mais precisa configuração do significado original desse mito apoiadas numa extensa bibliografia que nos exime de qualquer veleidade neste domínio.

<sup>73</sup> Aos clássicos e ainda inultrapassados estudos de Jeanne BIGNAMI-ODIER, *Jean de Roquetaillade e (de Rupescissa) Théologien, Polémiste, Alchimiste*, Paris, 1952 que cit. pela reed. in *Histoire Littéraire de France*, XLI (1981), aproveitando para agradecer ao meu Amigo e colega Arnaldo Saraiva o desespero com que logrou descobrir esta revista e desse trabalho ter logrado a fotocópia. Aos trabalhos de Mme Bignami-Odier há que juntar agora os estudos publicados in AA.VV., *Les Textes Prophétiques et la Prophétie en Occident (XII-XVI Siècles)* ed. de A.Vauchez, Roma, 1990 e ainda Sylvie BARNAY, *L'Univers Visionnaire de Jean de Roquetaillade* in AA.VV., *Fin du Monde et Signes des Temps*..., ed.cit., 171-190.

proclamou ser o ansiado pontífice...<sup>74</sup> Assim, também na conhecidíssima carta que, em 1549, Juan Polanco escreveu em nome de Inácio de Loyola a Francisco de Borja, ainda então duque de Gandia, a preveni-lo contra profecias a que, sob a influência de franciscano Fr. Juan de Texeda, davam crédito alguns da jovem Companhia que nele, em vésperas de se fazer jesuítas, viam o futuro *Papa Angelicus*...<sup>75</sup> Aí, com efeito, se assinalam, como exemplo de vaidade, dois portugueses, ao parecer da Companhia, que idos de Portugal procederam em Roma em consonância com tais esperanças...<sup>76</sup> Estes dois casos de jesuítas ou de gente com eles estreitamente relacionada e que terão mesmo tido, ainda que com algum humor, uma certa ressonância em Roma, parecem atestar que em Portugal, cerca de 1549 - notemos: depois de 1543..., de 1546...: a sequência será casual? - as profecias em torno do Papa Angélico eram (relativamente?) bem conhecidas. Poderá, contudo, objectar-se que, em rigor, tais esperas e esperanças podem muito bem ser apenas ecos de outras tradições difundidíssimas. Convém, por isso, recordar que estes dois últimos casos vêm referidos na carta de Inácio de Loyola em um contexto que remete explicitamente para Pedro Galatino - um autor bem conhecido em Portugal a ajuizar do uso que do seu *De Arcanis Catholica Veritatis* fazem, por exemplo, um Fr. Nicolau Coelho do Amaral, O. SS. T., na sua *Cronologia* (Coimbra, 1554) ou um Brás Viegas, S. J., nos seus *Commentarii Exegetici in Apocalypsim* (Évora, 1601, mas escritos cerca de 1594)<sup>77</sup> - e para G. Postel, isto é, para grandes elaboradores das mesmas esperanças por influência, não exclusiva, obviamente, da *Apocalypsis Nova*... De qualquer modo, para Inácio de Loyola era esse texto que estava em causa... Não

<sup>74</sup> M. REEVES, *Roma Profética* in AA.VV., *La Città dei Segreti...*, ed. cit., 285; Kenneth M. SETTON, *Western Hostility...* ed. cit., 23.

<sup>75</sup> Ignacio de LOYOLA, *Cartas* [Julho de 1549] in *Obras Completas*, Madrid, 1963, 734.

<sup>76</sup> Ignacio de LOYOLA, *Cartas...*, ed. cit., 725-726.

<sup>77</sup> A influência - ou, pelo menos, o conhecimento da sua obra - de Pedro Galatino em Portugal encontra-se, tanto quanto nos é possível saber, totalmente por fazer. Sylvie Deswarte no estudo que dedicou a Francisco de Olanda (*As Imagens do Mundo...*, ed. cit., 46 et passim) chamou a atenção - pela primeira vez que saibamos - para a sua presença - um tanto confusa, é certo - na *Cronologia seu Ratio Temporum Maxime in Theologorum atque Bonarum Litterarum Studiosorum* (Coimbra, 1554) sendo, do ponto de vista que nos ocupa, extremamente interessante a utilização de Pedro Galatino por estas datas. Assinalemos ainda a sua larga presença - aceite, discutida, elogiada, segundo as circunstâncias - nesses *Commentarii Exegetici in Apocalypsim* (Évora, 1601) de Brás Viegas, S. J., obra de grande ressonância editorial, presença que ainda se verificará, de forma mais discreta, nos *Commentaria in Apocalypsim*, Lyon, 1663 (I), 1669 (II) de Fr. João da Silveira, O. C., tratados de não menor audiência. Incidentalmente, deixemos constância da presença, quase sempre em tom elogioso, de Francesco Giorgio Veneto nos *Commentarii* de Brás Viegas.

tiremos as conclusões, mas guardemos as sugestões para o que um dia possam valer: se soubermos que Gaspar Barreiros, antes de se fazer franciscano, entrara na Companhia de Jesus sob o fascínio de Francisco de Borja, então já geral da Companhia de visita a Portugal, talvez os fios da trama contextual da difusão, por indirecta que fosse, do texto do Pseudo-Amadeu possam parecer-nos um pouco mais entretrecidos... E, ainda que um tanto tardia em relação às fronteiras cronológicas em que nos situamos, a proibição em *quae cumque lingua* pelo *Index* português de 1581 de um *Raptus seu Revelationes Amadei*, mesmo que, talvez, não represente mais do que um extracto que, em folheto, terá circulado, poderia, de algum modo, ser ainda referido a esse contexto...

De qualquer modo, gostaríamos de aprofundar um pouco mais as sugestões que igualmente já fizemos sobre a influência da *Apocalypsis Nova* sobre a primeira parte, pelo menos, do *Desengano de Perdidos* (Goa, 1573) de Gaspar de Leão<sup>78</sup>.

Note-se antes de mais que antes de se tornar o primeiro arcebispo de Goa (1559), o autor fora bispo auxiliar do cardeal Henrique em Évora (1557) e antes ainda, desde 1551, cónego dessa sé alentejana, circunstâncias biográficas que permitem sugerir a sua colocação num contexto espiritual que começa a ser marcado por uma Companhia de Jesus relativamente muito jovem e ainda não compactizada e em que, ao parecer, como sugerimos, se conhecia a obra atribuída ao Beato Amadeu... Efectivamente, desde 1551, através do seu colégio e universidade, os companheiros de Inácio afirmavam-se em Évora. E, ainda que indirectamente, sabemos-lo muito próximo de alguém que, por esses anos igualmente até 1576, viveu na órbita da Companhia e por ela sempre foi protegido e admirado: Simão Gomes, o «Sapateiro Santo», asceta leigo com carisma de profeta, muito relacionado em Évora com familiares de Mestre Gaspar de Leão<sup>79</sup>.

Terá o futuro arcebispo de Goa conhecido a *Apocalypsis Nova*? É bem possível, e mesmo sabendo que não a cita de uma forma absolutamente insofismável nem refere o seu "autor", tentaremos aqui sugerir como o texto do Pseudo-Amadeu poderá ter contribuído para lhe facilitar a aplicação a Pio V - e até certo ponto a D. Sebastião - do cap. 18,7 do *Apocalipse* - de que dá a

<sup>78</sup> A obra de Gaspar de Leão, foi, como é bem sabido, publicada, com uma Introdução ainda não superada, por Eugenio Asensio, Coimbra, 1956, por onde citaremos.

<sup>79</sup> José Adriano de Freitas CARVALHO, *Um Profeta de Corte na Corte: O Caso (1562-1576) de Simão Gomes, o "Sapateiro Santo" (1516-1576)* in AA.VV., *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI-XVIII)*, Porto, 1993, 233 260 (Esp. 235).

tradução<sup>80</sup> - donde brota um comentário que ocupa um lugar central no primeiro livro do *Desengano de Perdidos*.

Como explica Gaspar de Leão no «Prohemio» da obra, esse primeiro livro, determinado pelo desengano do socorro militar português à Índia necessário para, à volta de 1572, enfrentar o Turco, explora, manejando a «experiencia favorável do Senhor e as esperanças que as novas da sancta Liga e a sua divina victoria» [em Lepanto] (Ihe) derão, «a profecia do Apostolo S. João no Apocalypsis cap.18» no sentido de a aplicar à «total destruição dos mouros e secta mahometica»... O arcebispo pensa, diferentemente de alguns doutores que a aplicavam ou «aplicam a guerras já passadas entre a christandade e os mouros», que a profecia desse cap.18 do *Apocalipse* «se cumpre em nossos tempos ao pé da letra»<sup>81</sup> e que, portanto, à destruição total do Turco se deverá seguir «a geral conversão dos gentios e entrada na Igreja catholica»...<sup>82</sup> A lenta exposição que vai fazendo de vitórias portuguesas na Índia, de triunfos cristãos sobre os turcos, de sinais maravilhosos, de visões, etc., no intuito de ir apropriando o texto profético à realidade contemporânea, ao mesmo tempo que vai, apologeticamente, anotando a superioridade do Evangelho sobre o Corão, culmina, desde este nosso ponto de vista, nos capítulos 17-26 desse primeiro livro. Aí, com efeito, a partir de datas - curiosamente muito próximo da *Expositio in Apocalypsim* de J. de Flora<sup>83</sup> -, defende que nessa «era de 1572 que ora estamos» se iniciará essa «total ruina dos inimigos da christandade»...<sup>84</sup>, pois quando nesse texto do *Apocalipse* se diz que viu um anjo descer do céu há-de entender-se que «o anjo he o nosso summo pontifice Pio Quinto que agora governa a Igreja de Deos»...<sup>85</sup>. Depois, «as grandes vozes que o anjo deo dizendo: caia, caia, etc.» haverá que referi-las, em primeiro lugar, à inspiração divina que, manifestando-se através da vitória que a Liga do papa e dos príncipes cristãos contra o Turco obteve em Lepanto, chamará "os mouros predestinados que se hão-de salvar"<sup>86</sup>, perspectiva que, se o afasta de comentadores tradicionais do *Apocalipse* como Martin de Ampíes<sup>87</sup>, o

80 Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed. cit., 64-65

81 Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed. cit., 13

82 Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed. cit., 10.12

83 Joaquim de FLORA, *Expositio in Apocalypsim...Pars Quinta*, Veneza, 1527, 163r-163v (conf.

134r) de acordo com a reimpressão de Frankfurt, 1964.

84 Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed. cit., 62

85 Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed. cit., 67

86 Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed. cit., 69

87 Martín MARTÍNEZ DE AMPIÉS, [autor?, tradutor?], *Libro del Anticristo*, Burgos, 1497, cap. XXI que cit. pela reimpressão de Ramón de Alba no volume antológico *Del Anticristo*, Madrid,



aproxima de outros mais do seus dias, como Brás Viegas, que só nesse sentido admitem a conversão geral dos turcos, judeus e gentios...; em segundo lugar, tais vozes significam «o aviso do papa aos gregos e mais nações christãs que vivem sob o poder do turco que deixem os costumes de mouros e se fação prestes para ajudar a Liga desembarcando nas suas praias»<sup>88</sup>; em terceiro lugar, «a voz he o serenissimo rey D. Sebastião e o povo de Deos, o reino de França»....<sup>89</sup> A aplicação da profecia a D. Sebastião não é de todo transparente, mas percebe-se que o zelo do rei de Portugal - oferecer-se para entrar na Liga e aceitar casar com a irmã do rei de França se este abandonar as tradicionais alianças com o Turco, essas alianças que apareciam como um paradoxo num sucessor de S. Luis<sup>90</sup> - possa permitir utilizar politicamente o texto profético em favor da exaltação de um rei que, imperialmente, pode aplicar os rendimentos da Índia para conquistar todo o Oriente como vai fazendo e «vir a conquistar todo este mar atee Sués»....<sup>91</sup> Não nos ocupemos com estes sonhos de um arcebispo nos últimos tempos de um império português na Índia... Mas anotemos, que, com alguma clarividência, consequente, talvez, do desengano desses socorros necessários que não chegariam, Gaspar de Leão, concedendo, desse modo, ao rei de Portugal um protagonismo especial nessa confederação militar derivado do seu *zelus fidei* e do seu ainda grande poder no Oriente, não explora, como poderia esperar-se nesses dias, este sentido imperial da letra do *Apocalipse*... Também a *Apocalypsis Nova*, numa tradição que passa por P. de Giovanni Olivi e por Ubertino<sup>92</sup>, não concede, como já lembrámos, atenção especial a esse *rex magnus*, companheiro e colaborador desse *Pastor Magnus* que, não esqueçamos, é um *Pastor Angelicus* e um *renovator Ecclesiae* dos *novissima tempora*... É precisamente na verificação de Pio V como esse Anjo do *Apocalipse* que Gaspar de Leão parece, senão glosar, ter bem presente o texto da *Apocalypsis Nova*. Com efeito, se no texto atribuído ao Beato Amadeu se diz, «de pastore tanto tempore a bonis desiderato, que quando esse sanctus et bonus pastor... eligetur cum admiratione et stuporem omnium... omnes gentes infidelium ad fidem vestra

1982, s.p., A. MILHOU, *Colón y la Mentalidad Mesianica en el Ambiente Franciscanista Español*, Valladolid, 1983, 13-29 chamou pertinentemente a atenção para a importância desta obra.

<sup>88</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed.cit., 70

<sup>89</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed.cit., 70.

<sup>90</sup> Queirós VELOSO, *D. Sebastião: 1554-1578*, Lisboa, 1945, 170-171.

<sup>91</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed.cit., 71.

<sup>92</sup> Giulia BARONE, *L'Oeuvre Eschatologique de Pierre Jean-Olieu et son Influence. Un Bilan Historique in Fin du Monde et Signes des Temps...*, ed.cit., 49-61(esp, 52).

convertentur, et ei sicut patri obedient, et reget omnes gentes in timore Dei ipse et sucesoribus eius temporibus multis. Erit omnium hominum unum ovile et unus pastor (Joh.X,16). Canones et antiquas patrum consuetudines observabit; omnes pravas leges et consuetudines extirpabit; bona inseret et plantabit. Curam habebit magis animarum et spiritualium negotiorum quam temporalium; necque ad thesauros intendet, nisi prout ecclesiae expediens fuerit et orfanis, viduis et pauperibus aliis...»<sup>93</sup>, também Gaspar de Leão, que não tem que perguntar «quando populus christianus nunc admodum infelix tanta felicitate perfruetur», nos garante que, como garantem as raras virtudes deste papa, «veio do ceo, pois o Spirito Santo não escolhe para esta suprema dignidade, senão aquelle onde habita per heroicis virtutes».... Tal pontífice, se com as suas virtudes dá «luz e doctrina aos fiees, com as suas obras reslandecentes [dá] lume e claridade a toda a Igreja»... Na verdade, não só «em seo tempo e per seo ferventissimo zelo se concluiu o sagrado Concilio Tridentino, que he o principal sol humano que a Igreja na terra tem , com o qual he alumuada, reformada, e gloriosa»..., mas também «em seo felicissimo tempo começa Deos a destruição da ley mahometica tão necessaria [...] e [...] tão desejada»....<sup>94</sup> Com efeito, coroando a fortaleza e constância de suas virtudes e sua suprema dignidade, «lhe inspirou Deos a destruição da [...] ley (de Maomé) e os meios que pera isso devia ter... Pello que logo sem tardar o pos por obra e o denunciou aos reis christãos... E com o mesmo fervor persuadió aos Reys e Republicas christãas, que fizessem liga eterna, pera eterna destruição dos mouros... Entrando elle summo Pontifice por cabeça da Liga...»<sup>95</sup>. Por tudo isto que confirma que «esta Proephecia do Apocalise se cumpre em nossos dias ao pé da letra»..., revelando-se, como se diz no texto do pseudo-Amadeu, em um pontífice «mais cioso dos bens espirituais que materiais» postos ao serviço da destruição final do Alcorão e em cujos dias se renova ou, se preferirmos, se conclui a renovação que ilumina a Igreja que acaba de ser conciliarmente reformada, por tudo isto, dizíamos, será violento propor que o andamento do texto do arcebispo de Goa acentuando o papel de Pio V na conclusão do concilio tridentino e, por outro lado, a sua acção profética inspiradora da «liga eterna para eterna destruição dos mouros»<sup>96</sup>, pondera e desenvolve, acentuando-lhe com precisão a dimensão espiritual, idênticos andamentos da *Apocalypsis Nova*?

<sup>93</sup> Ps.-Amadeu da SILVA, *Apocalypsis Nova...*, in Ana MORISI, *Apocalypsis Nova. Ricerche...*, ed. cit., 14.

<sup>94</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed. cit., 67.

<sup>95</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed. cit., 68.

<sup>96</sup> Gaspar de LEÃO, *Desengano de Perdidos...*, ed. cit., 68

Ou não recordamos: «omnes gentes infidelium ad fidem vestram convertentur et sicut patri obedient... e canones antiquas patrum consuetudines observabit, omnes pravas leges et consuetudines extirpabit»?...

De qualquer modo e qualquer que seja a sua origem, é por estas razões, reiteradas em outros lugares da *Apocalypsis Nova* com fórmulas que poderíamos pensar estar mais próximas do texto de Gaspar de Leão, que Pio V, em textos que lhe aplicam exactamente o que vinha profetizado para o *Papa Angelicus* em tempos do concílio de Pisa, é, por sua vez, esse *Pastor Angelicus* a quem tais obras estão prometidas... E não deixará de ser curioso notar que, segundo o anjo anuncia no texto do Pseudo-Amadeu, «ante eventum pastoris non fiet vera expurgatio infidelium»... que é, cremos, o tema que organiza essas páginas do *Desengano de Perdidos*, pois só a reforma da Igreja e a destruição eterna do turco - que, agora, é uma acção «inspirada» e, assim, essencialmente espiritual - permitirão, finalmente, *unum ovile et unus pastor...* e, necessariamente, ainda que o arcebispo de Goa não o declare explicitamente, um novo tempo na história da Salvação. A alusão declarada aos «turcos predestinados que se hão-de salvar» não é mais do que um meio de confirmar, qualquer que seja a conclusão quantitativa do ponto de vista exegético, esse tempo novo e final. Um tempo novo em que, nos começos do século XVII, a figura do Papa Angélico, contemporânea de um rei de Portugal, cabeça da liga que destruirá, finalmente, o turco, se há-de tornar, sob a influência decisiva da *Apocalypsis Nova*, obsessiva para algum comentador do *Apocalipse*...<sup>97</sup>

Com estas notas gostaríamos de ter chamado a atenção para a importância de alguns textos franciscanos que poderão ter desempenhado, em Portugal, um papel de relevo na formação da trama contextual e na fixação de certos temas traduzindo aspirações de profunda renovação da

<sup>97</sup> Preparamos um estudo sobre o *Comentário* inédito de D. João de Castro ao *Apocalipse*, a que já nos referimos, e em que cita, transcrevendo algumas importantes passagens, a *Apocalypsis Nova*. Como, aliás, procede, mais parcamente, em outros escritos seus, nomeadamente em *Aurora*. Quando confrontadas com esse *Comentário* ao livro de S. João as páginas da *Paraphrase* dedicadas ao mesmo tema do «Pastor Angélico» revelam-se, como suspeitávamos e já tivemos ocasião de sugerir, na plenitude das suas fontes. A este propósito, notemos que nessa vastíssima colecção de textos proféticos do século XVII português que é o *Jardim de Ameno* (A.N.T.T. cód. 774) há um larguíssimo extracto, seguido da respectiva tradução, da obra atribuída a Amadeu da Silva; na B.P.M. do Porto (ms.359) há igualmente um extracto importante, ainda que mais breve. Curiosamente, como é fácil de verificar por citações e notícias, o P. António Vieira não conheceu directamente - nem, talvez, qualquer texto - da *Apocalypsis Nova*. Infelizmente, não conseguimos localizar qualquer cópia da obra em bibliotecas portuguesas. Existirá ou terá existido?

Igreja - entendamos: também da sociedade -, muitos deles de marcado carácter escatológico nesse longo tempo que vai dos fins do século XV quase ao termo do século seguinte e para os quais se têm, alguma vez, buscado origens tão vagas e tão descronologizadas que, quando não são absolutamente erróneas, são, do ponto de vista operacional, absolutamente inúteis. Por outro lado, se temos consciência de que tais textos não fornecem uma explicação cabal dos vários contextos em que tais temas se foram tecendo, sabemos, mesmo que venha a demonstrar-se que não assim como propomos aqui, que esses para tal contribuíram ao ser lidos, interpretados, difundidos e até, em algum caso, proibidos... Desta maneira, através da presença de Ubertino e do Ps.-Amadeu, procurámos, uma vez mais, chamar a atenção para alguns dos modos da influência do complexíssimo mundo espiritual do franciscanismo de directa matriz italiana na cultura portuguesa de Quinhentos e para a urgência de levar mais longe a luz sobre tal questão...

José Adriano de Freitas Carvalho

**Summary:** *The Arbor Vitae Crucifixae by Ubertino da Casale has played an important role in Portuguese spirituality, both among the Franciscans and through its influence on different works concerning the contemplation of the Passion of Christ. The first general Franciscan chronicle, Cronica da Ordem dos Frades Menores (1557-1562) by the Franciscan Marcos de Lisboa - especially in its prologue -, retrieves, summarizing and adapting, sometimes in a literal way, many pages from the Book V, Ubertino's work, as we try to show through the comparison of some texts. On the other hand, beyond the debt of other authors towards the Arbor as a source of the contemplation of the Passion of Christ in the 16th and 17th centuries, the work may contribute to a better understanding of some aspects of the De Aetatibus Mundi by the Portuguese painter Francisco de Olanda. The Apocalypsis Nova is believed to have been written by the Portuguese Amadeu da Silva. There is evidence of its influence during the second half of the 16th century in Portugal. It also seems to have determined the diffusion of some prophecies about Papa Angelicus and the final defeat of the Turkish, namely the Desengano de Perdidos (1573) by Gaspar de Leão, first archbishop of Goa.*

## ANEXO

### *A Crónica da Ordem dos Frades Menores e a Arbor Vitae Crucifixae*

#### Comparação de alguns textos

[...] E com esta sancta congregação dos Menores que se obrigou a tantos e tão arduos preceptos de pobreza, aspereza e obediencia e os trabalha guardar repreende nosso Senhor aos desobedientes christãos que andam como bebados e fora de si após o ouro e suas cobiças, vaidades e sensualidades tra-zendo-lhes pellas portas a pobreza e sanctidade de vida dos verdadeiros filhos de Sam Francisco que a seguir tão estreitamente as passadas de nosso Senhor Iesu Christo se obrigaram a exemplo de seu glorioso padre.[...] E não faltarão varões perfectos pera sempre desta sagrada religião com que Deos amoeste seu povo e lhe represente quão longe anda do muito com que pode e deve servir a Deos. E muito particularmente o amado discipulo São João Evangelista e Propheta prophetizou o tempo e estado do glorioso Padre São Francisco e seus filhos em o sexto capitulo do Apocalypse em o

[...] Nam si de conversatione loquamur quanta similitudine vitam Christi passibilem studuerit imitari quis enarrare sufficiat? Nam totum studium eius publicum et privatum ad hoc tendebat: ut Christi vestigiis operata oblivioni tradita in se et in aliis renovaret: et istud fuit singulare privilegium istius benedicti Francisci quo vitam Iesu primum meruit universaliter et sollicitè in statu communi et durabili ordinis sui ecclesie sancte dare.[...] Et idcirco tibi dixi supra quod sextus status singulariter respicit Christi tempus in cuius figura appropriatione sexti signaculi: Vidi, ait Ioannes, alterum angelum ascendentem ab ortu solis habentem signum Dei vivi: ubi et dixit Ioachim[...]. Et ego audivi a solemnibus doctore istius ordinis quod frater Bonaventura tunc generalis minister et doctor solemniter presente prefato doctore quod mihi dixit: quod in capitulo parisiensi solemniter predicavit quod ipse erat certus et

abrimto do sexto sello dizendo: E como se como se abrisse o sexto selo... E vi outro Anjo que subia do nascimento do sol e trazia o sinal de Deos vivo... Esta prophesia de São João... São Boaventura seraphico Doctor a pregou e affirmou em hum capitulo provincial em Paris que se entendia do Padre São Francisco. E que elle era certo e por revelações divinas que não podia duvidar que São Francisco era o Anjo do sexto selo e que em todos os senarios deste livro do Apocalypse São João punha os olhos em o collegio dos frades menores perfectos imitadores de Christo. O mesmo affirmou frey João de Parma varão sanctissimo, cuja sanctidade confirmou e mostrou Nosso Senhor com muitos e muy grandes milagres... (1)

E pera melhor entender isto se ha-de notar que em aquellas sete visões de São João no Apocalypse são significadas sete idades ou estados da igreja. A primeira idade he da fundação da primitiva igreja feita por Christo e seus apóstolos no Judaismo. E começou da pregação de Christo ate o martyrio dos Apóstolos

certificatus quod beatus Franciscu erat angelus sexti signaculi et quod ad litteram de ipso et eius statu et ordine evangelista Ioannes intellexit et quod in spiritum vidit quod predicta verba pretulit et suorum filiorum perfecte Christum imitantium collegium aspexit in onibus senariis huius libri. Et hic predictus frater Bonaventura ibidem cum maximo fervore asservit ab illo audivi si memmoria me non fallit: scire se certissime per solemnes et indubitabiles revelationes factas talibus personis quod de hoc non poterat dubitare[...]; quia ista sub indubitabili certitudine asserebant nec enim negligendum testimonium deo denoti sancti et maioris perfectionis viri q in diebus nostris extiterit quantum in exterioribus colligi possunt signis sanctissimi fratris Ioanis de Parma[...]; cuius glorificationis in celis tam multiplicia miraculorum testimonia glocicatorum suorum humilium Iesus reddidit mundo quod raro memi me legisse alicuius sancti magis multiplicata miracula a multis diebus....(1)

V, 3, 421 422 b-a

Ad quorum intelligentiam est notandum quod septem status fuerunt in ecclesia formandi et propagandi per virtutem Iesus lucentis in ipsa[...]. Hi autem septem status sub multis figuris multiformiter et multiplici repetitionem describuntur ab illa sublimissima aquila Ioanne in Apocalypse qui fuit testamenti novi

figurada pella primeira visão das sete igrejas nos capitulos primeiro e segundo...(2)

singularis propheta. Nam secundum septem statu eosdem septem principales visiones continet ille liber[...] Prima autem visio est de septem ecclesiis[...] Quantum ergo ad primum sciendum quod primus status est foundationibus primitive et pricipue in iudaismo ab apostolis facte[...] Primus status proprie incipit a spiritus sancti missione: licet et alio modo cepirit a Christi Iesu predicatione...(2)

V, I 409 a-b

A segunda idade he a confirmaçãoda fee e sangue dos martyres derramado em todo mundo pelos gentios idolatras e começou na perseguição feita por Nero figurada em a segunda visão do Apocalypse dos sete sellos no quinto capitulo.(3)

Secunda de septem signaculis que incipit quarto capitulo[...] Secundum confirmationis probative per martyria facta a paganis in toto orbe.[...] Secundus proprie cepit a persecutione facta sub Nerone (3)

V, I, 409 b

A terceira idade foy a doutrina que declarou os misterios da fee e confundiu as heresias e começou no tempo de Constantino emperador que fez convocar o concilio Niceno contra a heresia arriana figurada na terceira visão das sete trombetas Apocalipsis setimo.(4)

Tertius de Septem tubis que incipit sexto capitulo[...] Tertius doctrina illuminative ad clarificandum fidei et hereses confundendas [...]. Tertius proprie cepit a tempore Constantini imperatoris ad fidem Christi conversi seu a tempore beati Silvestri seu a tempore Niceni concilii contra arrianam heresim celebrati.(4)

V, I, 409 a-b

A quarta idade foy da vida solitaria e hermitica em grande austeridade e contemplação, começando do tempo de sancto Antam figurada em a visão quarta da mulher cuberta de sol no capitulo duodecimo do Apocalypse(5)

Quarta de muliere amicta sole cum suis liberis que incipit XII capitulo[...] Quartus fuit anachoritice vite in solitudine viventis austerissime.[...] Quartus cepit tempore magni Anthoni seu a

tempore Pauli primi heremite vel secundum Ioachim a tempore Justiniani augusti sub quo habemus magna culta.(5)

V, 1, 409 a.b

A quinta idade foy quando a igreja começou a ter possissões temporaes, assi a cleresia como as religiões e foy em tempo do emperador Carlos Magno figurada em a visão quinta dos sete copos entornados do capitulo XV do Apocalypse.(6)

Quinta de septem phialis qui incipit XV capitulo.[...] Quintus fuit condescensive sub monachis et clericis temporalia possidentibus. [...] Quintus vero proprie cepit a tempore Caroli Magni (6)

V, 1, 409 a-b

A sexta idade he da renovaçam da vida evangelica e guerra contra a secta do antichristo pellos pobres voluntarios que nada possuem nesta vida.E começou em o tempo do seraphico varam São Francisco principio das ordens mendicantes, figurada em a visão de grande e perdida mulher Babylonia, Apocalypse XVII (7)

Sexta de damnatione meretricis magna babylonis e de novis agni nupciis cum nova sponsa et incipit añ. XVII capitulum ubi dicitur. Et facta sunt sulfura et voces et tonitrua; secundum alios in principio XVII capituli. [...] Sextus est renovationis evangelice vite et expugnationis secte antichristiane sub pauperibus voluntariis nihil possidentibus in hac vita.[...] Sextus vero iniciatus est a tempore seraphi viri Francisci, plenius tamen apparebit in damnatione babylonis meretricis magne qñ perfectio an vel in viris eiusdem spiritus secum signabit futuram malitiam christiani.(7)

V, I, 409-410

A septima idade está em hua quieta e maravilhosa participaçam da futura gloria na terra e em breve sua perfeiçam será em a ressureiçam geral dos escolhidos e começará na morte do antichristo, figurada aos xx capitulos do Apocalypse na final

Septima etate de finali condemnatione draconis et omnium reproborum et de finali glorificatione totius orbis et omnium electorum infra .xx. capitulum [...] Septimus prout spectat ad vitam istam est quedam quieta et mira participatio future glorie [...]



condenaçam do drago e glorificaçam dos escolhidos.(8)

prout verospectat ad aliam est status generalis resurrectionis omnium [...] Spetimus autem uno modo inchoat ab interfectione illius antichristi que judei recipient.(8)

V, I, 409-410

Assi que na primeira idade floreceo a perfeiçam da prelazia e cura pastoral em os pastores da igreja, os apóstolos. Em a segunda, o estado do martyrio e triumphante batalha dos martyres, cavaleiros da milicia de Christo. Em a terceira a voz da pregaçam e trombeta dos doctores e pregoeiros da sapiencia christaã. Em a quarta floreceo a sanctidade e ornamento da vida contemplativa em os que em a terra viverão vida evangelica e celestial. Em a quinta o zelo da justiça e condescimento à vida commum e menos perfecta em os zeladores justos e instituidores dos regulares estados. Em a sexta o estado da imitação de Christo reformativo da igreja em os reformadores da vida evangelica. Em a septima o gosto da gloria de Deos que o Senhor communicará a os seus polos trabalhos passados, quanto o presente estado sofre e Deos he servido communicar-se...(9)

[...] primus apostolorum et pastorum leoni in autoritate et constantia similat. [...] In primo eminet principatus prelationis et cura pastoralis. [...] In primo preminent pastores ecclesie catholice. [...] Secundus qui est martyrur vitulo in sacrificiis mactato. [...] In secundo onus predicationis et pugna triumphalis. [...] In secundo pugiles christiane militie. [...] Tertius doctorum et confessorum hōi predicto [...] In tertio sonus predicationis et tuba magistralis. [...] In tertio pones christiane sapientie. [...] Quartus virginum seu contemplativorum aquile. [...] In quarto ornato sanctitudinis et vita singularis. [...] In quarto observatores vite celice [...] Quintus assimilatur sedi generali a quattuor animalibus sustentate a qua manare juditia justitie et misericordie [...] In quinto zelus rectitudinis et ira judicialis ac vita condescensiva et conventualis. [...] In quinto justus zelatoris et piis regularis sanctimonie. [...] In sexto vero et septimo semper e nova inchoatio ut in infra parebit. [...] In sexto forma christiani reformatoris ecclesiam reformans. [...] In sexto reformatoris vite evangelice. [...] In septimo vero gloria deiformis ipsam felicitans et consumans. [...] In septimo vero

E ordenou assi Christo fundador e governador da igreja estes estados e idades, segundo as necessidades da igreja contra os spirituaes inimigos nossos e os maos homens seus soldados e seu corpo e membros damnados que com a igreja e seus filhos tem inimizadas antigas e guerras por Deos pregoadas, pera mayor gloria dos justos.(10)

E assi o primeiro estado foy contra as carnaes cerimoniaes e entendimento judaico. O segundo teve guerra contra a idolatria dos Gentios. O terceiro pelejou contra Arrianos e outros herejes. O quarto contra a secta carnal de Mahamede. O quinto contra a fez e mistura dos maos christãos que em o quinto tempo crescerão. O sexto contra a peste do Anti-christo mystico e seus sequazes. O septimo contra o exercito dos demonios que naquelle ultimo tempo combateram mais fortemen-

gustus felicitatis. [...] In septimo  
pregustatores eterne glorie [...] (9).

V, 1, 410a

Patet. n. primo hoc de primo dono. Nam pastoralis cura insistit primo oviu propagati oni. Secundo earum defensionem ab imbribus et lupis. Tertio earum directioni seu deductioni. Quarto earum pasuali refectio. Quinto morborum cure pie et morbidarum medicinali extirpationi. Sexto ipsarum plene reforma-tioni. Septimo ipsarum in suum ovile reductioni et recolationi. Constat autem quod propagatio appropiatur plantationi apostolorum: defensio pugne matyrorum: directio doctrine: refectio devotioni anachoretarum: curatio zelo cenobitarum: reformatio perfectioni evangelici status: reductio igressui eterne vite. Patet hoc etiam de secundo. s. pugna quod in quolibet statu invenitur. (10)

V, 1, 410b

Nam prima pugna fuit contra carnalem ceremoniam et intelligentiam judeorum. Secunda contra idolatria paganorum. Tertia contra perfidiam arrianorum et ceterarum heresum. Quarta contra sectam saracenorum. Quinta contra fecem et misturam falsorum christianorum qui in quinto tempore enormiter multiplicantur. Sexta contra pestem antichristi et suorum sequantium. Septima contra aciem demonum in agone novissimo ecclesiam ubicumque circumdantium. Vel si sexta

te a igreja.(11)

E não havemos de entender que sejam tão distintos estes estados e idades que hus não entrem pelos outros mas que ainda que a preminencia seja particular em cada hum, todas as sete propriedades e virtudes de algua maneira, mais ou menos como Deo he servido communicar suas graças, se achão em cada hum estado. Porque sempre houve prelados justos, Martyres, Doctores, contemplativos, zelozos regedores e perfectos seguidores de Christo e que gostão sua suavidade e gloria.(12)

dividas in duas: quarum prima est antichristi mystici: secunda vero antichristi proprii [...](11)

V, 1, 410b

Debes scire quod prima ratio est ad idem sub pluribus signis et similitudinibus plenius exprimendum et magnificandum. Nam aliquas proprietates predictorum statuum exprimuntur per una visionem: que nom exprimuntur per aliam: et magnificentius concepimus magnitu dinem alicuius rei quando sub pluribus solemnibus signis nobis ingeritur intuenda.[...] Tertia est quare nullus septem statuum predictorum esset perfectus absque septem donis superius tactis. Quilibet enim status eget cura pastoralis et pugna triumphali et tuba magistralis et sic de aliis. [...] Ille autem status in quo unum donum preminent et cetera illi desserviunt tanquam ad eius perfectionem ordinata denominatur incongrue ab illo dono [...](12).

V, 1. 410a-b.

De secunda parte huius tertii notabilis: quare primus status et secundus videntur simul current. Et circa hoc debes scire quod si per status intelligatur eorum dona et officia: tunc in quolibet tempore currunt omnes. Unde Petrus fuit pastor, martyr, et doctor et solitarius sepe et austerus et plerunque condescensivus et evangelice vite professor et maximus celestium degustator; sic Ioannes sic Paulus sic ceteri apostoli sic multi sequentes pastores viri perfecti [...]. Tertia

E muito certo he pera contemplar quão sapientissima-mente foram ordenados estes tempos da igreja pelo Spirito Sancto. Christo nosso Redemptor, como raiz e cabeça da sua igreja, avia de ter o primeiro estado com sua gloriosa madre e escolhidos Apostolos e primitiva igreja de que avia manar a perfeição dos seguintes. E porque sua cruel e desconhecida sinagoga apossada do demonio lhe resistio, por isso foy logo necessaria a primeira guerra, em que elle que como nosso capitão sahio ao campo por nos e ouve gloriosa victoria, deixando nova maneira e arte de guerrear os inimigos e conquistar os ceos aos seus e dando-lhe novas forças. E como Iesu Christo Salvador verdadeiro era Deos e Senhor de todas cousas, pera confusão da synagoga que o engeitou, e pera mayor mostra de sua omnipotencia e clemencia, foy conveniente cousa que se pregasse e fosse conhecido em toda a redondeza da terra de todas as gentes. Mas como ellas erão idolatras e costumadas a pessimos vicios insinados pelos abominaveis demonios a que obedeciam, foy necessaria fortissima peleja pelos cavaleiros de Christo, os martyres,

communis est omnibus statibus: debuit enim se inchoari ante cessionem prioris [...] Et hac ratione status martyrorum sub apostolis et status monachorum et canonicorum sub anacotis inceptiunt.[...] (12)

V, 1, 412b

Quantum ad tertium nota quam optime isti status sunt ordinati. Cum noster Christus Iesus et eius primitiva ecclesia sint radix et complementum omnium statuum sequentium: debuit ipse primo introduci cum sua benedicta matre et electis discipulis et quare suo statui obsistit sua impia synagoga ideo necesse fuit aggredi primum bellum post hoc. Secundo cum ipse illis esset omnium deus dominus et redemptor ad confusionem illius impie synagoge quod ilim repeluerat: debuit ipse in totum orbem omnium terrarum nationum diffundi: cum erent idolatre et pessimis moribus imbuti oportuit fieri bellum fortissimum ad talia excluenda. Tertio in fine huius belli debuit totius orbis subiici spetro Christi: put factum e tempore Constantini.

V, 1, 412b

pera desterrar as idolatrias e vícios infernaes. E no cabo desta guerra avia todo o mundo de dar obediencia ao ceptro de Iesu Christo, como se em o tempo de Constantino emperador. Em cujo tempo quis o Senhor dar algum folego e recreação a sua igreja. E porque então era necessaria mais clara noticia da fee da Sanctissima Trindade e humanidade de Christo em todo o mundo floreceo a ordem e dignidade dos Doctores alumiados pello Spirito Sancto. E tambem porque como os nossos engenhos não podem alcançar a profundeza dos mysterios da fee e muyto presumindo da subtilieza de seus entendimentos principalmente os Gregos, justamente por permissão divina cairam em muytos erros, heresias e enganos do demonio. Donde recresceo a necessidade dos Doctores e a coroa de suas victorias contra o hereges e suas malicias. E porque a intelligencia e noticia das cousas divinas pouco ou nada aproveitava sem vida conforme a doutrina divina, portanto em o quarto estado que quasi concorreo com o terceiro dos Doctores, resplandeceo aquella vida angelica e celestial dos hermitães ou anachoritas, principalmente em os desertos da Arabia, Palestina e Egypto pera iso muy convenientes, em que viviam os hermitães em muyta abstinencia, vigílias, disciplinas, orações, contemplações e exercicios com que subjugavam a carne ao spirito e o spirito com soo Deos perfectamente o occupavam. Mas porque a malicia e

[...] ad pacem christianis sub Constantinio datam[...] in electis suis quarto tempore parvo secundum modum apparente respiraculo[...]

V, 1, 417a

Et quare tunc Christi divinitas et humanitas eius et beatissime trinitatis fides toti orbi debuit clarius expicari ex tunc claruit ordo doctorum. Quia vero humanus sensus non prevalet intelligere eternam Dei generationem et personarum distinctionem et naturam unionem in persona Iesu Christo explicari ex tunc claruit ordo doctorum. Quia vero humanus sensus non prevalet intelligere eternam Dei generationem et personarum distinctionem et naturarum unionem in persona Iesu et sic de ceteris profunditatibus fidei. Idcirco presumentes de subtilitate intellectus sui; iuste sunt traditi deceptionibus demonum ac per hoc in multas hereses sunt prolapsi propter quas oportuit moneri tertium bellum sacrorum doctorum contra insidias heresum.

V, 1, 411b

[...] tertio cum quarto doctorum cum anachoritis concurrisse dicuntur.[...]

V, 1, 412

Quia vero intelligentia divinarum par aut nihil prodest absque vita perfecta secundum divina dicta ideo in quarto statu refulsit celestis vita anachoritarum et precipue in desertis arabie egypti tali vite congruis. Quia vero infectio humani generis et sue carnis non patitur tam arduam vitam

fraqueza da geração humana não pode sofrer vida tam alta durar muito tempo e o cair de tam alto estado traz consigo grandes peccados e frieza no amor de Deos e às vezes apostasia, juntos estes males com os das heresias, foram necessarios grandes castigos. E assi foram muy castigados os christãos por barbaros ferocissimos, Vandolos, Godos, Hunos e Longobardos e por derradeiro contra os falsos christãos e hereges veyo o perseverado açoute de Deos a cruel e fea besta a secta de Mahamede, destruindo e captivando grande parte da terra dos christãos. E assi se moveo a quarta batalha em que a igreja foy muy afligida polla frieza do spirito que ja andava nos christãos, mas não desemparou Deos sua igreja de homens sanctos em que sobre columnas se sustentasse naquelles trabalhosos tempos, como se pode ver nos dialogos de Sam Gregorio. E defendendo e emparando nosso Salvador a igreja, recolheo a melhor e mais limpa parte neste pedaço de terra que chamamos Europa, em tempo de Carlos Magno, em que deu Deos assento e estado mais quieto a seus vigarios em Roma, cabeça do Romano Imperio: o qual Carlos fortissimamente pelejou contra esta besta Mahametica e por elle deu nosso Senhor paz à igreja.

E neste quinto tempo convenientemente foy instituida vida condescensiva e mais humana aos christãos, porque aos que não podiam levar a alteza da vida de martyrio ou

in hoc seculo perdurare: casus autem a statu tam arduo gravem hypocrisiam et remissionem aut apertam apostasiam inducit: talis autem lapsus cum primo lapsu perfidarum heresum dignus e iudicio et exterminio grandi. Id circo circa finem quarti status contra hereticos et hypocritas et remissos supervenit secta saracenicam omnia fere devastans et subiugans[...]

V, 1, 411b

[...] et prius etiam arriana maxime in quattuor pessimis gentibus in quibus tunc invalvit: grecis, gotis, vandalis, longobardus tantum devastavit ecclesiam: quod Gregorius Magnus circa finem quinti temporis fere credit extremum iudicium adesse.

V, 1, 417b

[...] et ideo contra illam motum est quartum bellum. Ecclesia enim Christi que nullo modo a mundo debet excludi in paucis suis reliquiis fuit a Deo defensi et in unam partem terre recollecta. Et quare erunt congruentior sede Petri et romani imperii: ideo in quinto tempore quando cepit a Carolo Magno facta est defensio et recollectio ista qui multum fortiter saracenicam bestiam expugnavit. [...]

V, 1, 411b

Tunc et congrue instituta est vita condescensiva ut nequeuntibus in arduis perdurare daretur locus gracie in mediocri statu. Et q̄ non servantibus condescensiva et coia

contemplação fosse concedido lugar de graça em estado mediocre, aos prelados com segurança e rendas e aos subditos paz e bens temporaes. E porque nem este estado mais baixo muitos não quizerão guardar, proveo Deos de padres sanctos e zelosos contra os vicios e larguezas dos subditos, donde nasceo grande guerra aos prelados zelosos e perseguições de seu proprios subditos. E usando mal os christãos da paz e merces temporaes de Deos cayrão em grandes relaxações sem termo, assi os ecclesiasticos como os seculares e ainda em grandes vicios de avarezas, syonias, onzenas, violencias, dissensões, sensualidades e vaidades a redea solta sem temorde Deos, tendo so o nome e fe de Christãos e a vida dos gentios<sup>1</sup>. E cresceo tanto esta relaxação e vida carnal que toda spiritual vida e imitação de Christo parecia de todo apagada da memoria dos homens e portanto foy necessario prover Christo nosso Senhor de reformaçam e memoria de sua sanctissima vida em sua igreja.

Nem he por isso em algua maneira de estranhar a providencia divina por dar o estado dos bens temporaes a sua igreja, porque suave e benignamente despoem e ordena todas as cousas. Antes foy muy conveniente por muitas razões. E primeira mente por mostrar que Christo he todo poderoso, Criador e Governador de todas as cousas e toda a criatura lhe he subjecta e de toda se

debet fervere zelus correptionis idcirco sanctorum prum contra subditos fortiter zelus exarsit. Et quare condensationis gra multi de facili abutuntur e in consuetudinales relaxationes decidunt que et enormiter crescunt. Idcirco fine quinti temporis crevit tanta relaxio vite ad ea que carnis sunt: quod tota spiritalis vita Christi videtur exsuffiata de medio[...] Ideo tunc singular debet apparere perfecta renovatio Christi vite et sequens conversio synagogue.

V, 1, 411b-412a

Sicut ex predictis patet quintus status ecclesie fuit zelative correptionis et pie condensationis multiplicatis temporalibus in ecclesia largiflua devotione fidelium et ipsa ecclesia multo sublimius quere prius supra omnes reges et principes triumphaliter exaltata. Fuit autem conveniens temporalia ab omnipotente Iesu ecclesie sue dari. Primo ad os tendendum quod ipse

pode servir e ser servido contra a heresia dos Manicheus. E pera mostrar que Deos não reprova no novo testamento o estado dos principes poderosos, senhores e ricos, ainda que elle nas terras conversando quis levar outro caminho de pobreza, humilade e Cruz. E tambem pera reformação e exemplo do estado secular em a igreja quis o Senhor dotar os seus prelados ecclesiasticos de titulos, honras e bens temporaes porque reis e principes tevessem em os prelados sanctos da igreja, forma e exemplo de humildade e liberdade e familiar e benigna conversação com o seu povo. E com serem zelosos de justiça contra malfeteiros, aprendessem ter misericordia e piedade com todos. E aprendessem os ricos não gastar seus bens em as vaidades do mundo nem em viços e sobejo mimo de seus corpos, mas em obras de misericordia e em vida abstinent e temperada Este exemplo deram os prelados daquelle tempo em sua tão extremada humildade, charidade e abstinencia e zelo de gastar o patrimonio de Christo com os seus pobres e castigar o contrario. Outra razão podemos dar, que quis Deos enriquecer sua igreja, porque fosse mais conhecida e aceita da perfeição da vida Christo em pobreza, desprezo e Cruz, vendo-se manifestamente como a igreja por honras e temporalidades veo a tanto monturo de males. Donde fica claro, ainda aos cegos mundanos, que a vida que Christo escolheo em carne passivel he mais segura e mais per-

creator omnipotens visibilium et invisibilium et quod omnis creatura est sibi plene subiecta et ideo creatura sub diversis circumstantiis et regulis potest sancta ecclesia bene uti. Et hoc ad confutandam heresim ipsii Manichei et sequentium ipsorum. Secundo ad ostendendum quod Deus non reprobatur etiam in novo testamento divitum, regum, principum, baronum: licet ipse in paupertate et humilitate et austeritate crucis vixerit in hac vita: propter quod etiam ad formandum varium statum in ecclesia voluit ipsam ecclesiam honoribus extollere et in temporalibus abundare. Quia etiam conveniens fuit quod regia potestas et mundi dominium secundum aliquem statum presentis vite in suis vicariis refugeret ad informandum omnes reges et divites quod ad formam prelatorum sanctorum ponticum deberent tenere in honoribus humilitatem et vilitatem sui et familiarem et dulcem condescensione populi et simul cum rigiditate iustitie contra male-factores haberent pietatem misericordiam super bonos ut similiter discerent divites in exemplo prelatorum ecclesie divitias non in pompis huius mundi expendere, nec de eis in nutrimento suorum corporum lascire, sed ad modum renunculi domino oblati in vetero testamento in medio pinguendis temporalium macie abstinentie conservare et adiem abundantie temporalium pauperibus indigentibus elargiri. [...] Alia ratio



fecta que toda outra, o que não poderam conhecer tam claramente, se a experiencia não mostrara tanta multidão de males em que os bens temporaes afogaram a igreja. Nem se recebera de tão boamente com tanto conhecimento o alto estado e merce da vida evangelica e crucificada que Christo avia de dar aos chistãos. Assi que com sapientissimo conselho do Spirito Santo a igreja foy dotada de bens temporaes. E alem das razões ja ditas, foy previsto e predestinado pola eterna sapiencia que muitos por esta via erão escolhidos, os quaes erão tão fortes que recebessem martyrio ou tomassem trabalhos da alta e Apostolica pobreza, porque nelles se perderam por sua fraqueza. Donde se pode tirar que segundo o que he conveniente aos escolhidos que estam ainda em a terra, modera sempre Deos o estado de sua igreja. E isto he pera os fracos e virtuosos que pera os imperfectos prelados, clerigos e religiosos foy este stado de abastança temporal provação muy justa em que se visse se tinham humildade nas honras, temperança no sobejo e pobreza nas riquezas. Mas como isto he de muy poucos, creceo logo a relaxação e o que foy dado pera instrumento de virtude foy convertido em occasião de transgressões incomportaveis. E este descaimento em as fezes desta quinta idade e estado de prosperidade temporal declara São João em os quinarios ou quintas partes de suas visões maravilhosamente. Porque ao Anjo

fuit ut magis esset grata et recognita perfectio Christi vite in paupertate et despectu et cruce. Ex hoc enim quod ecclesia per honores et temporalia ad tantam spurcitiã malorum devenit: patet quod modus vite Christi quem elegit in carne passibili fuit perfectior omnino alio ad temporalia se\* habendi. Ad quam grandem cognitionem sic lucidam non devenis set ecclesia nisi exposita fuis set tanta sentina malorum quam ipsam in suis temporalibus non oppressit ac per hoc non ita grate successisset sublimissimum donum crucifixioris vite evangelice sibi dande. Patet ita que quod sapienti consilio Spi ritus Sancti ecclesia enim in temporalibus exaltata: nam propter rationes predictas providit eterna electio multos per illam viam salvandos: quod martyrum supplicia et alta pauper tatis culmina non fuerent apti suscipere ac per hoc et defecissent in illis. Unde e secundum quod expedit electis qui sunt in terra seper deus statum in ecclesia moderatur hoc pro infirmis. Imperfectis vero ponti ficibus et clericis fuit virtus probata sublimis: dum sic sciverint humilitatem servare in honoribus: austeritatem in eliciis et in abundantia paupertatem. Quia vero paucissimo rum est istud: ideo paulatine relaxio tantum increvit quam illud quodquod fuit in virtutis instrumentum in transgressionem inportabilem est conversum. Lapsum autem istum in fecibus quinti temporis omnes quinarii Apocalysim qui respiciunt

da quinta igreja de Sardis se diz: Tens nome que vives e es morto, e conta-lhe muitos males e pocos bens e se não a emendasse ameaça-lhe subito e imprevisto castigo e condemnaçam. E no abrimento do quinto selo se diz ser sancto o zelo dos Sanctos, que parece não poderem ja sofrer tão grande chea de males. E em o tanger da quinta trombeta, a claridade das estrelas dos governadores seculares em tanta cubiça como em terra se diz que cahio, que o poço dos abissos se abrio, porque toda a maneira de fazer males por soberba, crueldades, roubos, mortes, sensualidades, avarezas e symonias e outras malicias sem conto, com seus escandalos e maos exemplos insinaram aos seus subditos. Pelo qual tam vituperado e blasphemado foy o nome de Christo no estado destes que governavam na igreja que sua má e desforme vida deu occasião a heresias sem conto e juntamente a guerras e divisões de reynos com reynos e povos com povos e a scismas de prelados com prelados e subitos com prelados que deram immensos trabalhos aos fieis, tanto mayores que os passados quanto eram mais de casa e entre os regedores della.

Foy das fezes deste tempo desta quinta idade o imperio do Emperador Federico segundo, Rey de Sicilia, por o qual a igreja de Deos todo seu tempo foy perseguida gravissimamente, pola divisam que entre elle e o Romano Pontifice avia, até trazer

quintum statum stupendo modo declaravit. Nam quinte ecclesia Sardis dicitur: Nomen habes quod vivas et motuus es et sibi multa mala dicit et paucissima bona et si non se correxerit subitum et improvisum iudicium comminatur. Et in apertione quinti sigilli introducitur tanta impatientia sanctorum licet scire etiam mystica quod non videntur mala inundantia plus portare. In cantu vero quinte tube stellaris claritas status ecclesiastici in tantam avaritiam temporalium quasi in terram dicitur cecidisse quod puteum abyssi aperuisse dicitur quare omnem viam maleficiendi in superbia in lascivia in crudelitate in symonia et in aliis malitiis innumeris sua mala exemplaritate subditis subministrat propter quodquod tantum est vilificatus Iesus in statu illorum quis videntur cultum ecclesie regere quod deformitas vite illorum magnam prebuit occasionem ut inundaret multitudo paterenorum diversarum heresum[...] quia manifeste apparebat pessimus abusus eorum in clericis et monachis et eos imitantibus [...]

V, 2, 420b-421a

Mouros e lhe dar Colonia e habitacam em Italia na provincia de Apulha, em hua cidade a que chamão Nuceria dos Sarracenos. Onde crescerão até vinte mil homens de guerra, e sahião a fazer grandes males em Italia em ajuda de Federico contra a igreja e destruyão os povos, igrejas e mosteiros como inimigos da fee que erão. Então o sol se fez negro.s. a pessoa do sancto Padre privado daquella authoridade e reverencia que se lhe deve em toda a terra e a lua sangue, pela prisão, perseguiçam e mortes dos Cardeaes e prelados ecclesiasti-cos por Federico e seus favorecedores. E as estrelas cahirão do Ceo. s. muitos ecclesiasticos que a tal principe antes seguiam que a IESU Christo e sua igreja.Estavam ja os Anjos maos, ministros para executar a ira de Deos sobre o mundo em quatro partes da terra, impedindo com peccados que fazião acrescentar que Deos não mandasse o spirito de sua graça e misericordia à terra pera o renovar, mas tomasse vingança de tantos males. E em tantos peccados viviam os Christãos que se por novo renascimento e reformaçam do spirito de penitencia, humildade e pobreza não acudia IESU Christo a sua igreja não escapara o mundo de grande juizo e castigo de Deos.

Não deixou o Senhor de revelar esta necessidade e o remedio que lhe queria dar a summos Pontifces e a outros fieis Catholicos pera sua consolaçam, como quando vio em

Quia vero plenior malitia huius  
quinti status maxime apparet in  
contemptu spiritus Dei apparentis in  
eo in viris perfectis Francisco et  
Dominico et eorum virtuosa prole

sonhos o Papa Inocencio terceiro a igreja Lateranense estar toda arruinada e pera ca virem dous homens pobrezinhos e sustentarem-na com os hombros. E vindo São Francisco depois São Domingos a lhe pedir autoridade pera principiarem novos e apostolicos estados em a Igreja de Deos, elle os conheceo por o Spirito Sancto serem os que em revelaçam vira sustentar a Igreja e lhes aprovou e concedeo suas petições.

Assi que estando a Igreja neste tempo chea de animaes entregues a sua sensualidade, de serpentes terreaes avarentos e de bestas feras crueis e soberbos e tam desfeada sua face e conversaçam e roida e gastada com as hipocrisias e tantas heresias sem conto que naquelles tempos havia (ainda que o Senhor muy ciosos de sua esposa se inclinasse contra tanta malicia della que em tanta multidad seguia os adulteros) não reteve em a ira a sua grande misericordia. Mas levantou em meo de sua igreja as

quam fumus huius pessimi putei horrenda lepra infecti in quo maxime stat pugna huius quanti cum principio sexti. Ideo plenam explicationem horum malorum dimittemus describere: [...] Et hic illud quod supra in fine precedentis capituli secundam vilificationem vocabimus Iesu Christi dicere quod in tantam vilitate tunc temporis erat ecclesia quod nisi per novam prolem spiritus paupertatis subvenisset Iesus: iam tunc iudicium mortis erat ecclesia subitura, sicut expresse ostendunt calamitates heresum que ecclesie superficiem opprimebat. Sed piissimus Iesus ad clarificationem ilorum duorum luminarium tam summis pontificibus quam alii fidelibus hoc ipsum puribus revelationibus declaravit: maxime cum lateranensem ecclesiam ruine proximam horu duorum pauperis humeris sustentari lux vera Iesus vicario suo monstravit.[...]

V, 2, 421a

Abundantibus in fine quinti iumentis lascivie reptilibus avaritie bestiis superbie et his omnibus tota deturpata conversationem ecclesie preregrine ac per hoc ipsam corrodente hypocrisia caterva impietatis heretice licet indignaretur zelotes Iesu contra malitia sponse que in magna multitudinem post adulteros declinabat non continuit tunc in ira misericordiam suam, sed ultimam citationem ad ecclesiam quinti temporis destinavit suscitans in medio eius viros veritatis excelsae

ordens mendicantes cheas de varões de alta sanctidade que extirpasssem a cobiça, desterrassem a má delectaçam, recusassem as honras e dignidades, fugissem a hipocrisia, defendessem a verdade, acendessem o fogo da charidade, reformassem a honestidade e imitando e seguindo a Iesu Christo, por exemplos de vida fortissimamente reprehendessem as desordens e desformidades da igreja, com a palavra de Deos e pregaçam excitassem o povo a penitencia, com maravilhosa virtude confundissem a malicia e erros dos hereges e com ajuda e instancia de suas ferventissimas orações aplacassem a justica divina. Entre os quaes como em figura de Elias e Enoch, Sam Domingos e Sam Francisco singularmente foram pera esta obra deputados. [...] Eram estas duas cabeças e instituidores de tam perfectas religiões em a igreja de Christo, São Domingos como querubim esclarecido com lume de sapiencia e assi estendeo as asas de sua doctrina e pregaçam sobre as trevas do mundo que afugentou as nevoas dos erros e heresias e alumiu e encaminhou os corações dos fieis aos caminhos da paz. E Sam Francisco como outro Anjo seraphim subindo o oriente, purgando com a ardentissimae seraphica Iesu Christo crucificado e todo inflammado do ardor e amor celestial, pos e acendeo este amor divino e fogo em todo o mundo. As quaes propriedades dexaram estes sanctos padres aos filhos ainda que em elles ambos e

cupiditatem extirpantes voluptatem exterminantes dignitatem recusantes duplicitatem execrantes veritatem defendentes charitatem incendentes honestatem reformantes ac Christum Iesum singulariter pre ceteris imitantes quod et exemplo sue vite fortissime arguerunt deformatam ecclesiam et verbo predicationis excitaverunt plebem ad penitentiam et argumento defensionis confuderunt pravi tatem hereticam et patrocinio orationis placaverunt iram divina. Inter quos in typo Helie et Henoch Franciscus et Dominicus singulariter claruerunt: quorum primus seraphico calculo purgatus et ardore celico inflammatus totum mundum incendere videbatur. Secundus vero ut cherubim extensus et protegens lunime sapientie clarus verbo predicationis fecundus super mundi tenebras clarius radiavit, quas proprietatis primitus in filios transfuderunt licet in utiusque spendor et ardor in abundantia spiritus conjugantur.

alguns seus legítimos e perfectos filhos o esplendor e o ardor em avonança spiritual fossem juntos. E porque os males daquelle tempo nasciam da cobiça e avonança das cousas temporaes e se criavam e sustentavam em as vaidades e pessimas sensualidades que os homens viviam entregues, por tanto o padre Sam Francisco movido do Spirito sancto de raiz quis lançar de si e seu estado as cousas temporaes como reformador deste quinto tempo e como em quem o Spirito sancto começava a sexta idade e estado da igreja, em que se reformava e punha ante os olhos de todos os christãos a vida de Iesu Christo, não escripta ou lida em papel, mas debuxada com obras de perfectos imitadores e seguidores de Christo crucificado. E pode-se dizer que foy este sancto padre formado por Deos como o primeiro homem, o qual com deliberado conselho despois dos primeiros cinco dias e suas obras fez Deos em o sexto a sua imagem e semelhança. Assi Christo formou em o sexto tempo de sua igreja a Sam Francisco a sua imagem e expressa semelhança de sua Cruz e vida, pera nova multiplicaçam de fructo de seus bentos e escolhidos. [...] E pertencia este officio ao sanctissimo padre Sam Francisco como a quem trazia o titulo, sello e figura de Iesu Christo e sua paixam e vida, assi nas passadas de sua conversaçam como na alteza da contemplaçam, assi nas obras milagrosas e admiraçam como o singular privilegio da comunicaçam

Quia totum malum quinti temporis fuit in depravatione vanitatis multiplicis quod ex cupiditate et abundantia temporalium trahit fomentum, id circo ille qui temporalia radicalius a se et a suo statu exclusit, ille principalis dicitur huius temporis reformator. Et quare in ipso sextus status ecclesie inchoatur in quo debet esse reformatio Christi vite:ideo potest dici quod per illum primum hominem figuratur quem Deus deliberato consilio post quinque dierum opera fecit ad imaginem similitudinis sue ut cunctis temporibus dominaret[...]

[...]cui et singularius potest dici quod ipse fuit signaculum similitudinis vite Christi tam vestigio conversationis quam fastigio contemplationis quam prodigio admirationis quam etiam privilegio consignationis vulnerum passionis sacratissime Iesu Christi. Nam si de conversatione loquamur quanta similitudine vitam Christi passibilem studuerit imitari enarrare sufficiat? Nam totum studium eius publicum et privatum ad hoc tendebat: ut Christi vestigia operata et oblivioni tradita in se et in aliis renovare et istius fuit singulare privilegium istius benedicti Francisci: quo vitam Iesu primum meruit universaliter et sollicitate in

das sagradas chagas de Christo. Quem poderia contar nem ainda alcançar com quanta semelhança o spirito sancto representou em a vida deste sancto a igreja, a vida, cruz e humildade e perfeiçam que se ha de seguir Iesu Christo?

statu communi et durabili ordinis sui  
ecclesie sancte dare.

V, 3, 421b-422a

1 O que aparentemente poderá ser uma amplificação do texto de Ubertino, poderia igualmente ser, até certo ponto, o aproveitamento ordenado de breves alusões dispersas por diferentes capitulos do Livro V, nomeadamente do cap. VII (*Jesus Despectus Iterum*) a partir do momento em que Ubertino retoma a glosa do texto de Olivi (*Arbor Vitae*, ed. cit., 454-456).

